

**EUZEBIO DE SOUZA**

**A ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAL  
RECICLÁVEL NO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA/MS:  
PROCESSO E SOBREVIVÊNCIA**

**DOURADOS-MS  
2023**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

---

**A ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAL  
RECICLÁVEL NO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA/MS:  
PROCESSO E SOBREVIVÊNCIA**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
Geografia da Universidade Federal  
da Grande Dourados, como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Geografia.

Discente: Euzebio de Souza

Orientador: Prof. Dr. João Edmilson  
Fabrini

**DOURADOS-MS**

**2023**

Souza, Euzebio

A ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL NO MUNICÍPIO  
DE NOVA ANDRADINA/MS: PROCESSO E SOBREVIVÊNCIA [recurso eletrônico] / Euzebio

De Souza. --

Arquivo em formato pdf.

Orientador: João Edmilson Fabrini .

Coorientador: Não tem.

Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

. associação. 2. exclusão social. 3. material sólido urbano. 4. Nova Andradina. 5. catador. I.  
Fabrini, João Edmilson. II. Tem, Não. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

## **BANCA AVALIADORA**

---

Prof. Dr. João Edmilson Fabrini – Presidente/Orientador.  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

---

Prof. Dr. Charlei Aparecido da Silva - Membro Titular Interno  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

---

Prof. Dr. Bruno Ferreira Campos - Membro Titular Externo  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

*A acumulação de capital e miséria andam de mãos dadas, concentradas no espaço. David Harvey*

*Agradeço e dedico este trabalho  
aos meus pais e minha esposa.*

## **AGRADECIMENTOS**

Uma dissertação de mestrado é um caminho estreito e longo, que inclui um percurso recheado por muitos desafios, algumas tristezas, muitas incertezas, algumas alegrias, apesar dos percalços na trajetória. Mas, apesar do processo solitário que o pesquisador está destinado, na caminhada é possível receber o apoio de várias pessoas, consideradas indispensáveis para trilhar o melhor caminho em cada momento do percurso. Andar por esse caminho, que as vezes era desafiador, só foi possível com o suporte, energia e força de várias pessoas, a quem dedico especialmente este processo da minha vida.

À Deus, por me conceder a oportunidade de realizar tantos sonhos e me fazer compreender que errar, aprender e crescer fazem parte da caminhada; obrigado por colocar pessoas tão especiais nesta jornada.

Ao Professor Doutor João Edmilson Fabrini, meu orientador, que sempre acreditou em mim, desde o processo para o ingresso na pós-graduação, seguido por uma orientação precisa e dedicada, pautada por um elevado e rigoroso nível técnico e científico, um interesse constante e produtivo, uma visão crítica e oportuna, baseada em exigências, as quais contribuíram para enriquecer todas as etapas do trabalho realizado.

A todos os professores que ministraram as disciplinas do curso, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

À minha amiga, agora também de trabalho, Lydyane de Almeida Menzotti Silva, pelo apoio e por compartilhar importantes conhecimentos que foram fundamentais na produção da dissertação.

À Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, nas pessoas do professor doutor Charlei Aparecido da Silva, então coordenador do curso de pós-graduação em Geografia e da competentíssima Erika Gutierrez, secretária do programa na universidade, pelo apoio e orientações.

Aos meus queridos pais por todo apoio e sacrifícios que fizeram e fazem por toda a família ao longo da vida. Sou imensamente grato por tê-los como guias, mentores e amigos.

E por fim, sendo a parte mais importante, à minha esposa, amiga e companheira Fabiane Jandrey de Souza, que com sua compreensão, amor e carinho me ajudou na caminhada, considerando o fato que a mesma é da área da geografia também.

## **A ORGANIZAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL NO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA/MS: PROCESSO E SOBREVIVÊNCIA**

**RESUMO** - A pesquisa objetiva compreender a atuação e organização dos catadores da Associação Nova Limpa e dos catadores autônomos que desenvolvem suas atividades nas ruas da cidade de Nova Andradina, no Mato Grosso do Sul. Visa compreender, também, a inclusão desses catadores no processo de produção capitalista, os desafios, os preconceitos, considerando o desenvolvimento desigual de Nova Andradina, onde de um lado, verifica-se a riqueza, prosperidade e o luxo, e de outro, a pobreza, miséria e precarização do trabalho e da vida, a exemplo dos catadores de material sólido urbano. Além disso, visa, especificamente, analisar a participação e o vínculo dos catadores no processo de implantação do programa de coleta seletiva pelo poder público e nas atividades das empresas de reciclagem atuantes na cidade. Ainda nesse contexto, a pesquisa analisa o processo de implantação e operacionalização do aterro sanitário e a sua relação com os catadores, o poder público e os moradores que participaram direta e indiretamente dessa construção. Para isso, o ponto de partida é a experiência dos catadores de material sólido urbano registradas em algumas entrevistas gravadas, e, outras, em conversas e observações em diversos encontros. Assim, foi validado que o desenvolvimento desigual da cidade impulsionou o surgimento da catação de material sólido urbano e com a operacionalização do aterro sanitário e da associação Nova Limpa, os catadores tiveram a expectativa de uma melhoria de vida, embora ainda vivem e sobrevivem na precariedade, em todos os sentidos, são excluídos das oportunidades e incluídos na miséria.

**Palavras-chave:** associação, catador, exclusão social, material sólido urbano, Nova Andradina

## **LA ORGANIZACIÓN DE LOS RECICLADORES EN EL MUNICIPIO DE NOVA ANDRADINA/MS: PROCESO Y SUPERVIVENCIA**

**RESUMEN** - La investigación tiene como objetivo comprender el desempeño y la organización de los recicladores de la Associação Nova Limpa y de los recicladores autónomos que desarrollan sus actividades en las calles de la ciudad de Nova Andradina, en Mato Grosso do Sul. También tiene como objetivo comprender la inclusión de estos recolectores en el proceso de producción capitalista, los desafíos, los prejuicios, considerando el desarrollo desigual de Nova Andradina, donde por un lado hay riqueza, prosperidad y lujo, y por el otro, pobreza, miseria y precariedad del trabajo y de la vida, como los recolectores de material sólido urbano. Además, tiene como objetivo específico analizar la participación y vinculación de los recolectores en el proceso de implementación del programa de recogida selectiva por parte de las autoridades públicas y en las actividades de las empresas de reciclaje que operan en la ciudad. Aún en este contexto, la investigación analiza el proceso de implementación y puesta en funcionamiento del vertedero y su relación con los recicladores, autoridades públicas y residentes que participaron directa e indirectamente en esta construcción. Para ello, se parte de la experiencia de recolectores de material sólido urbano registrada en algunas entrevistas grabadas, y otras, en conversaciones y observaciones en diversas reuniones. Así, se validó que el desarrollo desigual de la ciudad impulsó el surgimiento de la recolección de material sólido urbano y con la operacionalización del relleno sanitario y la asociación Nova Limpa, los recolectores tenían la expectativa de una mejora en sus vidas, aunque aún viven y sobreviven en la precariedad, en todos los sentidos, están excluidos de las oportunidades y incluidos en la miseria.

**Palabras clave:** asociación, exclusión social, material sólido urbano, Nova Andradina, reciclador

## LISTAS DE ABREVIATURAS

- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul;
- IFMS - Instituto Federal de Mato Grosso do Sul;
- PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos;
- CORENA - Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Nova Andradina;
- UPL - Usina de Processamento de Lixo;
- EPIs - Equipamento de proteção individual;
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 01** – Tabela de entrevista

**Tabela 02** – Evolução da população de Nova Andradina – MS.

**Tabela 03** – Definições da exclusão social

**Tabela 04** - Roteiro para a Entrevista com os catadores das associações

**Tabela 05** – Organização do trabalho de catação.

**Tabela 06**– Tipos de materiais recicláveis coletados e preços de venda praticados pela Associação de Catadores Nova Limpa em Nova Andradina.

**Tabela 07** – Coleta seletiva no mês de dezembro de 2021.

**Tabela 08** – Dados da coleta seletiva do segundo semestre de 2021.

**Tabela 09** – Volume da coleta seletiva - primeiro semestre/2022.

**Tabela 10** – Roteiro para entrevista com os catadores autônomos

**Tabela 11**– Campo de Atuação Profissional dos Trabalhadores da Cooperativa

## **LISTA DE IMAGENS**

**Imagem 01 e 02** - Antigo lixão em Nova Andradina-MS

**Imagem 03** - Processo de construção e utilização do Aterro Sanitário em Nova Andradina

**Imagem 04** - Processo de utilização do Aterro Sanitário em Nova Andradina

**Imagem 05** - Aterro sanitário - em processo de compactação

**Imagem 06** - Ecoponto fixado ao lado do Centro de Convenções

**Imagem 07** - Barracão, onde funciona o depósito da Associação Nova Limpa

**Imagem 08 e 09** - Catadores trabalhando na associação Nova Limpa

**Imagem 10** - Integrantes da Associação Nova Limpa

**Imagem 11** - Materiais prensados e acumulados para venda

**Imagem 12 e 13** - Contêineres nas vias públicas de Nova Andradina

**Imagem 14** - Materiais armazenados para venda

**Imagem 15 e 16** - Materiais recicláveis sendo recolhidos para compra

**Imagem 17 e 18** - Catadoras trabalhando no barracão Associação Nova Limpa

**Imagem 19** - Catador e proprietário da empresa de reciclagem Santa Amália

**Imagem 20** - Catador trabalhando nas ruas da cidade à noite

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 01** - Entrevistados

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**Gráfico 01** - Grau de escolaridade dos catadores da Associação Nova Limpa

**Gráfico 02** - Trabalho fora da área da reciclagem

**Gráfico 03** - Tempo como catador autônomo em Nova Andradina

## **LISTA DE FOLHETO**

**Folheto 01** – Roteiro da coleta seletiva em Nova Andradina

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                                        | <b>17</b> |
| <b>1. A URBANIZAÇÃO DE NOVA ANDRADINA NO CONTEXTO DA.....</b>                                                                                                  | <b>27</b> |
| <b>PRODUÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO .....</b>                                                                                                                    | <b>27</b> |
| 1.1 Desenvolvimento desigual de Nova Andradina.....                                                                                                            | 27        |
| 1.2 Processo de crescimento desigual de Nova Andradina .....                                                                                                   | 32        |
| 1.3 O antigo lixão e a implantação do aterro sanitário como resultado do<br>crescimento acelerado de Nova Andradina.....                                       | 38        |
| 1.4 Coleta e destinação dos resíduos sólidos urbanos em Nova<br>Andradina.....                                                                                 | 46        |
| <b>2. EXCLUSÃO/INCLUSÃO SOCIAL DOS CATADORES DE MATERIAL<br/>SÓLIDO URBANO EM NOVA ANDRADINA-MS.....</b>                                                       | <b>53</b> |
| 2.1 A fragilização dos integrantes da associação Nova Limpa e dos<br>catadores autônomos como resultado do desenvolvimento desigual de<br>Nova Andradina ..... | 56        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                                                               | <b>93</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                                                         | <b>96</b> |

## INTRODUÇÃO

Chegar até aqui, requer um olhar para o passado: toda uma trajetória de vida, que contribuiu para que esse trabalho fosse realizado. Sou o filho mais velho de sete irmãos, quatro homens e três mulheres. Nasci em Mundo Novo - MS, região onde meus pais trabalhavam diariamente, “de sol a sol”, para sustentar a família, cultivando café em um pequeno pedaço de terra que era arrendado e trabalhando na diária para agricultores da região.

Tenho algumas lembranças e algumas memórias que minha mãe relata. Quando tinha três anos de idade, deixava-me embaixo do pé de café para ela e meu pai trabalharem na lavoura. O maior desejo dos meus pais era possuir uma pequena área para cultivo de lavouras e outras atividades. Com quase quatro anos de idade, meus pais resolveram se mudar para Mamonas MG, com o objetivo de cultivar uma pequena área cedida temporariamente por meu avô. Naquela região, naquele ano, não choveu durante dez meses seguidos e então meu pai decidiu voltar com a família para Mundo Novo - MS, pois perdeu todos os investimentos que tinha feito.

Nesta época, morando em Mundo Novo, já tinha nascido um irmão e uma irmã. Minha irmã tinha quase um ano de idade e de vez em quando minha mãe a levava para o hospital, pois ela tinha bronquite. Nesta ocasião, no corredor do hospital, ao se deparar com um líder de movimento sem-terra, surgiu a oportunidade para “dar os nomes” e fazer parte de um acampamento, onde ficamos acampados por 10 meses até sermos transferidos para a Gleba Santa Idalina, onde hoje é o município de Novo Horizonte do Sul.

Quando chegamos na gleba, já erámos em quatro irmãos, e ali ficamos acampados no grupo Guaivirá, local onde comecei minha jornada estudantil, iniciando o que na época era a primeira série do ensino fundamental. Não gostava muito de ir à escola, que ficava a 150 metros da nossa moradia, que era um barraco de lona.

Em um dia de aulas normais, em que eu não queria desenvolver as atividades, fato que se repetia constantemente, meu pai foi convidado pelo professor para ir até a escola. Ele foi chamado por uma colega de sala, a pedido do professor. Quando chegou na sala aula, pediu autorização para o professor, com uma vara verde na mão, eu não tinha mais nada a fazer, a não ser sofrer as consequências pelo fato de ter

jogado o caderno no chão e não querer pegar. Eu apanhei com uma vara verde, dentro da sala de aula, na frente dos colegas.

Oito meses depois de estarmos acampados, foram feitos o sorteio e a divisão dos lotes, fato que definiu o local onde meu pai e minha mãe “criaria” seus filhos até a idade adulta. Para chegar à escola eu tinha que caminhar cerca de três quilômetros por estradas e carreadores entre matas e cruzando córrego. Nesta escola estudei até terceira série. Meu pai e minha mãe trabalhavam muito para sustentar a família, pois neste momento já éramos em cinco irmãos.

No sítio era desafiador, pois não tínhamos quase nenhum recurso e a nossa moradia era muito precária, feita de tábuas de cedro, retirada da madeira do próprio sítio. Depois de alguns anos, agora com a família quase completa, sendo os seis irmãos, pai e mãe, mesmo com todos os desafios meu pai e minha mãe sempre motivou e incentivavam a todos nós a irem para a escola.

Aos doze anos eu já trabalha na roça com meu pai e para os vizinhos na chamada “diária”, com o objetivo de ajudar nas despesas da família. Este período foi um dos mais difíceis da história da nossa família, pois minha mãe estava gestante de 8 meses e minha avó por parte de mãe veio a falecer, provocando muita tristeza na família.

Após concluir o ensino médio, ainda morando no mesmo local, com todos os irmãos, pai e mãe, agora em uma casa de madeira serrada, com energia elétrica, com três cômodos, o sonho de conquistar o emprego fixo e não continuar nas atividades da roça não saíam dos pensamentos. Nesta época, quando ainda trabalhava nas “diárias”, um amigo que coordenava um programa de alfabetização para jovens e adultos foi até a nossa casa e perguntou se eu gostaria de atuar como professor alfabetizador em uma escola bem pequena, no período noturno. Para isso tinha que visitar as casas dos moradores da região com o intuito de levantar interessados em ir para a escola. Assim que formou uma turma de quinze alunos iniciei as atividades. Ali começava minha trajetória como profissional da educação.

No ano seguinte iniciei o magistério, no período das férias, em Campo Grande, que durou três anos até a conclusão. Neste mesmo período iniciei a graduação em geografia em uma faculdade particular na cidade de Naviraí e já atuava como professor em programa social do governo federal, em uma escola rural. Todas as noites ia para a faculdade, chegava entre meia noite e uma hora da manhã, dormia

na casa de um colega, na maioria das vezes no sofá, acordava às cinco horas e vinte minutos para tomar o ônibus escolar e percorrer doze quilômetros até chegar à escola. Muitas vezes perdi o ônibus pelo fato de não conseguir acordar no horário, tendo que tentar caronas para chegar no local de trabalho. Depois de um ano nesta jornada, alugamos uma casa na cidade, eu e minhas duas irmãs, pois as mesmas estavam iniciando no mercado de trabalho formal. No ano seguinte passei a trabalhar na cidade de Novo Horizonte do Sul, como coordenador em um projeto social chamado guarda mirim, vinculado à Secretaria de assistência social.

No percurso da graduação, dentro do ônibus universitário, comecei a namorar a moça mais linda da faculdade, que hoje é minha esposa, que cursava geografia, só que um ano à frente da minha turma. Nos casamos dois anos e meio depois e já se foram vinte e um anos juntos. Por esse motivo, acredito que o curso de geografia influenciou demais nas minhas tomadas de decisões, em relação ao meu futuro, pois ali estava sendo definido a construção da minha família, a estrutura da fé e o meu desenvolvimento profissional.

No ano de dois mil e sete fiz o concurso na cidade de Nova Andradina e fui aprovado, sendo chamado para assumir a função de professor de geografia no mês de junho de dois mil e oito. Estávamos trabalhando como contratados, eu e minha esposa, em Novo Horizonte do Sul, ambos na educação. Assim que fui chamado para assumir o concurso não tivemos dúvidas que deveríamos mudar de cidade. Agora iniciava uma nova jornada, em um novo lugar, em meio a muitos desafios e pessoas desconhecidas. Na época, Nova Andradina passava por uma grande transformação, considerando o desenvolvimento econômico e populacional.

Após cinco anos atuando em sala de aula, com alunos das redes estadual e municipal, recebi o convite para atuar como coordenador na secretaria municipal de educação. Atuando na secretaria, a princípio como coordenador dos professores de geografia da rede municipal, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos e a partir de então, também fui convidado para participar do Conselho de Meio Ambiente no município.

O Conselho Municipal de Meio Ambiente é organizado por representantes de segmentos da sociedade civil e pública, possuindo a atribuição de deliberar sobre pautas relacionadas a preservação do meio ambiente. Como representante da Secretaria Municipal de Educação, estou como membro titular e ativo, atuando no

conselho desde o ano de 2021. Por meio do conselho foi possível indicar e contribuir com algumas demandas que os catadores possuem, como apoiar a reforma e ampliação do barracão onde a associação Nova Limpa atua. O recurso para a execução desta atividade é oriundo do fundo municipal do conselho de meio ambiente. Esse recurso é captado principalmente por meio de recolhimento de multas ambientais. Foi possível também apoiar, discutir e incentivar na aquisição de mais um caminhão para a coleta seletiva. Considerando que, com essa aquisição foi possível ampliar a disponibilidade de materiais no setor de processamento do barracão, ou seja, agora são dois caminhões que percorrem as ruas da cidade e do distrito de Nova Casa Verde, coletando exclusivamente resíduos sólidos urbano. No conselho também foi possível apoiar e incentivar a aquisição de EPIs, equipamentos indispensáveis para a realização dos serviços diários.

Com a minha participação no conselho do meio ambiente, surgiu o desejo de realizar a pós-graduação em uma universidade federal e no ano de 2017 fiz a primeira tentativa de ingresso, mas não consegui, pois, as vagas eram poucas e o meu projeto não foi aprovado. Fiz mais duas tentativas nos anos seguintes, focado na universidade federal, mas não obtive sucesso.

No ano de 2020, quando assim foi disponibilizado as novas vagas referentes a 2021, resolvi submeter um novo projeto, sendo o mesmo aprovado. Considerando que era um ano pandêmico, não foi possível realizar a avaliação presencial, como sempre teve, sendo então na ocasião uma entrevista virtual, onde deveria apresentar o projeto de submissão, condicional para aprovação ou não. Na ocasião fui entrevistado pelo professor que posteriormente se tomou meu orientador, Prof. João Edmilson Fabrini. Fui aprovado na avaliação virtual e desta forma ingressei na tão sonhada pós-graduação.

A pesquisa se deu, então, parcialmente no período da pandemia da COVID-19. Desta forma, foi identificado que os catadores também foram muito prejudicados, pois as atividades de coleta e separação de materiais diminuíram muito, mesmo com o aumento de materiais produzidos pelas pessoas que estavam isoladas, pois no período da pandemia, aumentou significativamente a produção de resíduos, principalmente originários de produtos alimentícios, onde as pessoas por estarem em suas casas acabavam comendo bem mais do que se estivessem trabalhando normalmente.

Agora, ao concluir a pós-graduação em geografia na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, ponho-me a pensar em tudo que vivi, nas dificuldades que enfrentei, nas conquistas que obtive, nas brincadeiras de criança, nas coisas que aprendi e fiz e que por hora ficaram para trás. No momento, só uma imensa saudade e a certeza de que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e não desiste dos sonhos. Ao relembrar os fatos do passado sinto saudade também dos amigos que ficaram distantes e que nunca mais nos encontramos. Daqui há alguns anos, se Deus me permitir, outras lembranças se juntarão as já vividas, as quais servirão para eu crescer pessoalmente e fortalecer meus conhecimentos.

Sendo assim, a presente pesquisa visa analisar a atuação e organização dos catadores da Associação Nova Limpa e dos catadores autônomos que desenvolvem suas atividades nas ruas da cidade de Nova Andradina, no Mato Grosso do Sul. Além disso, propõe observar a participação desses catadores no processo de implantação do programa de coleta seletiva e o trabalho nas empresas de reciclagem atuantes na cidade, bem como o problema de exclusão/inclusão que vivem frente a tantos desafios, os preconceitos e as mudanças devido a globalização e o desenvolvimento desigual gerado pelo crescimento geográfico repentino da cidade. Ainda nesse contexto, a pesquisa analisa o processo de implantação e operacionalização do aterro sanitário e a sua relação com os catadores. Escolheu-se o município de Nova Andradina-MS por ser um polo regional e que passou por um rápido processo de expansão urbana. A cidade, também, vem enfrentando problemas relacionados a produção e descarte de material sólido urbano, o que leva, entre outras questões, a problemas sociais que se materializam nesse mesmo espaço urbano.

Considerando que o desenvolvimento social tem relação direta com o meio onde ele vive e a sua ação recai sob a vida dos seres e do planeta como um todo, os cuidados com as questões sociais e a atenção para pessoas que vivem uma situação ou um processo de exclusão social – conforme discutido por Leal (2011) – ou de exclusão/inclusão, segundo Martins (1997), têm sido tratados por diversos setores da sociedade, mesmo que de modo limitado.

Desse modo, a expansão da malha urbana indica o crescimento populacional no município em nova Andradina, o que resulta também em sérios problemas ambientais e sociais, ordenados pelo modo de produção capitalista, aumentando assim a disposição de materiais em locais inapropriados. Esse crescimento promove

o trabalho de catação dos resíduos sólidos em diversos pontos na zona urbana e o aumento das atividades na associação dos catadores. Desta forma, a lógica do crescimento de Nova Andradina é contraditória do ponto de vista socioeconômico, atraindo e segregando quem vive do trabalho da catação do material sólido urbano, presentes no lixo produzido na cidade, enquanto o outro lado enriquece e desenvolve-se.

As cooperativas e associações são exemplos em que esses catadores de material sólido urbano se organizam hoje no Brasil e funcionam num sistema de autogestão, no qual os membros são responsáveis por gerir a empresa e todos têm o mesmo poder. Nesse sistema, não existem empregadores. Esse modelo não é simples de ser implementado, pois é necessário que se instrua sobre cooperativismo para todos os trabalhadores, que devem entender que mesmo exercendo atividades diferentes, devem ser tratados da mesma forma. Além disso, há os catadores que não se vinculam a nenhuma cooperativa ou associação e trabalham como autônomo nas ruas das cidades. Em Nova Andradina não há cooperativas, apenas uma única associação: a Nova Limpa.

Diante dos preconceitos e da desigualdade social, vividos em uma sociedade capitalista, torna-se visível a “valorização” de pessoas da alta classe econômica, que ocupam altos cargos. Contudo, há a desvalorização daqueles que exercem atividades braçais, que conseqüentemente são desrespeitados, humilhados e despercebidos na sociedade (ARAÚJO; SILVA, 2018). Assim, os catadores, além de exercerem um trabalho informal, sem possuir direitos trabalhistas, na maioria das vezes são comparados ao “lixo”, pois convivem diariamente com aquilo que tradicionalmente a população não faz mais uso (VOGT, P. et al. 2013).

Portanto, o trabalho de catação de material sólido urbano está relacionado a preconceitos por parte da sociedade (COSTA e PATO, 2004). Os fatores que mais influenciam para que esse preconceito aconteça é o convívio direto com o “lixo”, a baixa remuneração, o risco de contrair doenças e a exposição a gases tóxicos provenientes do próprio “lixo”. Esses fatores contribuem para o processo de invisibilidade social dos catadores (VOGT, P. et al. 2013).

Para Dupas (1999) a exclusão social é multidimensional. Assim, um dos primeiros e principais aspectos é a falta de emprego, que dificulta o acesso à moradia, lazer, cultura e educação e aos direitos humanos em geral, como segurança e saúde,

dentre outros, e “os grupos que partilham a mesma pobreza chegaram lá de diferentes maneiras e têm diferentes probabilidades de saírem dela” (Dupas, 1999, p.29). Ainda para o autor, “esses fatores afetam os indivíduos de formas diferentes de acordo com sua inserção na sociedade; seu efeito dependerá da posição de cada indivíduo em termos de relações de produção.” (Idem, p.28).

Sendo assim, a pesquisa surge guiada por recorte espaço-temporal, que foi definida a partir das concepções teórico-ideológicas do pesquisador, baseadas em leituras relacionadas ao tema estudado e resultantes das observações, em diferentes contextos, dos catadores no exercício de suas atividades pelas ruas da cidade, bem como de entrevistas. Tais observações, transformadas em inquietações intelectuais, visaram entender qual o papel desempenhado pelos catadores de material sólido urbano. De igual modo, buscou-se compreender como acontece o processo de organização espacial otimizador dos programas de coleta seletiva, via aparato técnico, como instalação de postos de coleta, pontos centrais de recebimento, galpão de triagem, por exemplo.

A revisão bibliográfica, os conceitos e a contextualização teórica estão discutidos nos capítulos I e II, concomitantes aos relatos dos entrevistados e aos dados apresentados para análise, da seguinte forma: no primeiro capítulo - **A urbanização de Nova Andradina no contexto da produção capitalista do espaço** - apresenta a caracterização do município, considerando a sua origem, o seu desenvolvimento desigual e contraditório, a caracterização das atividades econômicas e como os catadores de material sólido urbano e as empresas do ramo de reciclagem na cidade se organizam. Neste sentido, foi delimitado o recorte temporal de 1958, fundação município, a 2023, fazendo uma contextualização geral. Também se considerou o caso do aumento da coleta de material sólido urbano em Nova Andradina, em que é analisada a relação do desenvolvimento da cidade, o aumento de material sólido urbano e consequentemente o aumento do número de catadores com a melhoria de vida, relativamente, ligada de modo diretamente proporcional ao aumento do consumismo, que também leva à possibilidade de aumentos dos ganhos de mais agentes envolvidos nesta nova mercadoria em disputa.

No segundo capítulo - **Exclusão/inclusão social dos catadores de material sólido urbano em Nova Andradina-MS** - aborda a organização dos catadores de material sólido urbano da associação Nova Limpa e dos catadores autônomos que

desempenham suas atividades nas ruas da cidade, verificando as suas condições de trabalho, a questão da exclusão social e a fragilização em que esses trabalhadores se encontram. Para chegar a esse proposto, foram utilizadas as considerações dos seguintes autores: Rodrigues (1998), Harvey (2011), Leal (2011), Smith (1998), entre outros que serão citados no decorrer do trabalho.

No que concerne à pesquisa teórica, esta etapa esteve em constante processo de construção. O referencial teórico foi construído mediante consulta de material impresso ou digital em sites oficiais, periódicos especializados e bibliotecas, no intuito de fazer um levantamento sobre as principais obras e autores a serem consultados. A partir das obras selecionadas para referenciar a pesquisa, deu-se a elaboração de fichamentos, resenhas e artigos, com o objetivo de sintetizar as principais abordagens dos autores utilizados como referencial teórico-metodológico.

Na pesquisa de campo, utilizou-se de diversas técnicas de investigação científica, tais como: visitas à Associação e à área de deposição final dos resíduos urbanos em Nova Andradina-MS, realização de entrevista e registro fotográfico e, por fim, organização, sistematização e análise dos dados para a construção do texto dissertativo.

Foi elaborada entrevista com o secretário de meio ambiente, para analisar a inclusão da associação de catadores no programa municipal de coleta seletiva e as políticas públicas voltadas para o segmento; com o presidente da associação e os catadores autônomos, sendo 07 (sete) catadores que fazem parte da associação Nova Limpa, 08 (oito) catadores autônomos que recolhem materiais diariamente na zona urbana e representam 14% dos catadores de Nova Andradina. As informações a respeito das políticas públicas voltadas para a categoria foram obtidas por meio de entrevistas realizadas com funcionários e gestores municipais. Conforme quadro 01.

**Quadro 01 - Entrevistados**

| <b>Entrevistado</b>                                    | <b>Identificação</b> |
|--------------------------------------------------------|----------------------|
| Catadora (37 anos) de materiais recicláveis a 20 anos. | Número 01            |
| Catadora (57 anos) de recicláveis desde 2018.          | Número 02            |
| Catador de materiais recicláveis desde 1975.           | Número 03            |
| Catador (57 anos) de materiais recicláveis a 11 anos.  | Número 04            |

|                                                                 |           |
|-----------------------------------------------------------------|-----------|
| Presidente da Associação Nova Limpa.                            | Número 05 |
| Integrante 01 da Associação Nova Limpa.                         | Número 06 |
| Catador (31 anos) de materiais recicláveis a 20 anos.           | Número 07 |
| Engenheiro ambiental da prefeitura municipal de Nova Andradina. | Número 08 |
| Responsável pela Empresa de reciclagem Campiteli.               | Número 09 |
| Responsável pela Empresa de reciclagem Martinho.                | Número 10 |
| Responsável pela Empresa de reciclagem WS Reciclagem.           | Número 11 |
| Integrante 02 da Associação Nova Limpa.                         | Número 12 |
| Integrante 03 da Associação Nova Limpa.                         | Número 13 |
| Integrante 04 da Associação Nova Limpa.                         | Número 14 |
| Integrante 05 da Associação Nova Limpa.                         | Número 15 |
| Integrante 06 da Associação Nova Limpa.                         | Número 16 |
| Responsável pela Empresa de reciclagem BH Soluções              | Número 17 |
| Catador (42 anos) de materiais recicláveis a 02 anos            | Número 18 |

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas.

Foram utilizadas, também, informações da Secretaria Municipal de Meio Ambiente do município de Nova Andradina, dos integrantes da associação e dos catadores autônomos, através de pesquisa qualitativa, com coleta de dados para um estudo de caso em relação a organização dos catadores de material sólido urbano no município. Esses dados foram selecionados, em primeiro lugar, pela facilidade de acesso em relação a disponibilidade de registro dos dados a serem coletados e, em segundo lugar, por causa do objetivo da pesquisa, considerando prioritariamente as causas que motivaram as iniciativas para a reorganização da Associação dos Catadores de recicláveis.

Assim, a fim de contribuir com o debate e compreender a organização do trabalho dos catadores de recicláveis de Nova Andradina-MS, a presente pesquisa nasce com o escopo de delinear uma discussão acerca da exclusão e fragilidade dos trabalhadores/catadores, provocada por um determinado grupo da sociedade, em especial, sobre a coleta seletiva de materiais recicláveis sob o aparato social e legal. Por tratar de uma relação social e espacial, entende - se que a pesquisa contribuirá

para uma reflexão, uma vez que, diante de tantos avanços tecnológicos e do modelo de crescimento urbano e econômico vivido nas últimas décadas.

## **CAPÍTULO I**

### **A URBANIZAÇÃO DE NOVA ANDRADINA NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO**

Entender como ocorreu a origem do município de Nova Andradina é fundamental para compreender a realidade e os desafios dos catadores de material sólido urbano atualmente. Neste capítulo, será tratado sobre sua fundação, considerando os passos da colonização em relação aos seus fundadores e o processo de desenvolvimento que foi gerado de forma desigual, surgindo riqueza de um lado e pobreza do outro. A localização do município será analisada também, pois estas informações serão fundamentais para entender a urbanização da cidade nos últimos anos, influenciando assim no crescimento populacional. Desta forma, tratar-se-á, também, sobre o desenvolvimento econômico, fator que impacta diretamente na produção de material sólido urbano e nas atividades dos catadores, e o desenvolvimento contraditório e desigual da cidade.

Para isso, será abordada, primeiramente, sobre a teoria do desenvolvimento desigual, que é fundamental para a compreensão da urbanização de Nova Andradina. O debate proposto por Neil Smith (1998) entre escalas geográficas e produção capitalista é o fio condutor que permite compreender a produção capitalista do espaço e a urbanização de Nova Andradina.

#### **1.1 Desenvolvimento desigual de Nova Andradina**

Para Smith (1988, p.86) “a relação contemporânea com a natureza obtém o seu caráter específico a partir das relações sociais do capitalismo”, produzindo de um lado, “uma classe que domina os meios de produção para toda a sociedade, ainda que não produza trabalho, e, de outro lado, uma classe que domina somente sua própria força de trabalho, que precisa ser vendida para sobreviver. ” (Idem, p.86). Consoante o geógrafo (Idem, p.18), “O desenvolvimento desigual do capitalismo é

antes estrutural que estatístico. (...) é a expressão geográfica sistemática das contradições inerentes à própria construção e estrutura do capital.". Nesse sentido, o autor, salienta que o homem produz a natureza: a realidade é produzida pelo homem e essa produção vai além da produção do próprio espaço:

No embasamento do padrão existente de desenvolvimento desigual está a lógica e a tendência do capital em direção àquilo que chamaremos de movimento "em vaivém" do capital. Se a acumulação do capital acarreta o desenvolvimento geográfico e se a direção desse desenvolvimento é guiada pela taxa de lucro, então podemos pensar no mundo como uma "superfície de lucro" produzida pelo próprio capital, em três escalas separadas. O capital se move para onde a taxa de lucro é máxima (ou, pelo menos, alta), e os seus movimentos são sincronizados com o ritmo de acumulação e crise. A mobilidade do capital acarreta o desenvolvimento de áreas com alta taxa de lucro e o subdesenvolvimento daquelas áreas onde se verifica baixa taxa de lucro. Mas o próprio processo de desenvolvimento leva à diminuição dessa taxa de lucro mais alta. Podemos observar esse fato recorrendo à conclusão de Marx, de que há uma tendência para a igualização da taxa de lucro (embora isto tenha uma clara expressão geográfica) e também concretamente analisando cada escala espacial. Na escala internacional e na nacional, o desenvolvimento das forças produtivas num dado lugar leva a um menor desemprego, a um crescimento no nível salarial, ao desenvolvimento de sindicatos e assim por diante, todos ajudando a baixar a taxa de lucro e a afastar a verdadeira razão para o desenvolvimento. Como na escala urbana, o desenvolvimento de áreas subdesenvolvidas conduz a um rápido crescimento na renda do solo e à frustração, após um certo tempo, de maior desenvolvimento (SMITH, 1998, p. 212-213).

Ainda, Smith (1988) pondera sobre a produção do espaço de modo desigual no Sistema Capitalista discutindo os processos que geram as desigualdades geográficas do desenvolvimento capitalista. Assim, entender como se desenvolveu a cidade de Nova Andradina e como foram os processos de implantação do aterro sanitário, o antigo lixão, é fundamental para a análise na perspectiva do desenvolvimento desigual em Nova Andradina, pois de um lado gerou riqueza e homens poderosos, enquanto do outro a pobreza e os catadores de material sólido urbano.

Neste passo, sobre tempo, espaço e processos, que geram as desigualdades geográficas do desenvolvimento capitalista, considera-se as ponderações de Rodrigues (1998), que salienta não há como separar o tempo do espaço que é produzido socialmente, a natureza da sociedade e a diversidade social na perspectiva da produção do espaço:

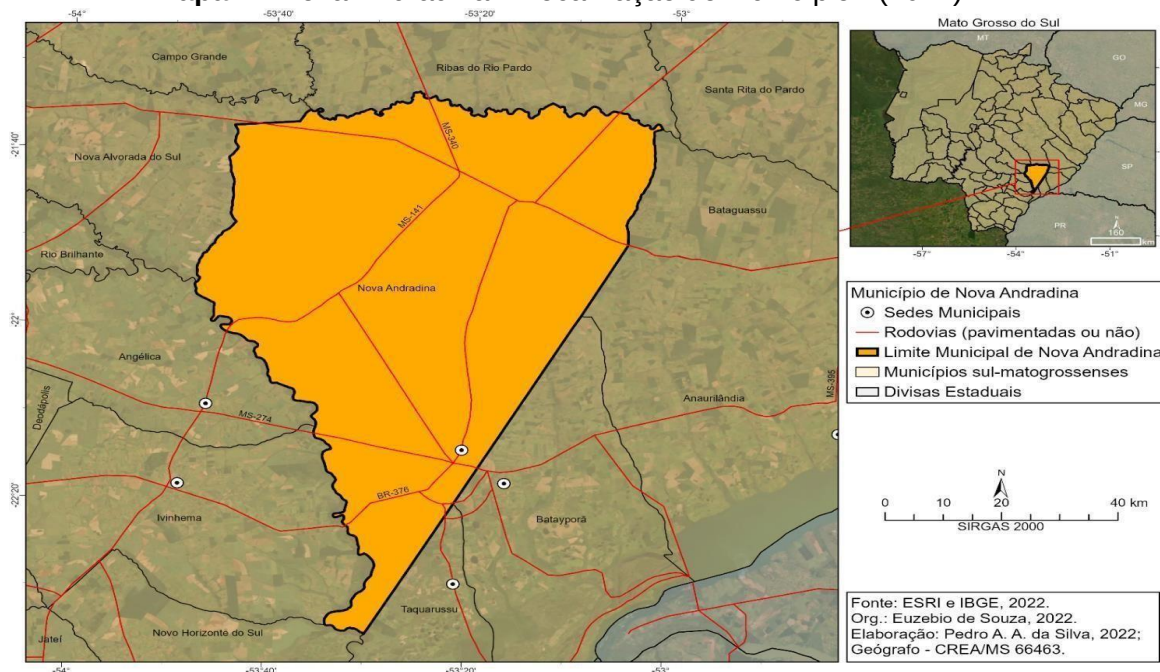
É preciso, para compreender a dinâmica das relações societárias com a natureza, não separar o tempo do espaço que é produzido socialmente. E

não separar também a natureza da sociedade, o que significa compreender a diversidade social e as formas pelas quais a sociedade se apropria e transforma esta natureza e produz o espaço social (RODRIGUES, 1998, p.16).

Assim, com base nessa compreensão de Rodrigues (1998) sobre espaço e produção, a autora empreende uma incursão pelo 'meio ambiente urbano' tentando compreender suas múltiplas dimensões: sociais, geográficas, históricas, naturais e de diversidades e que é um norteador para que se entenda a cidade de Nova Andradina no ponto de vista da teoria do desenvolvimento desigual. Desse modo, faz-se necessário apresentar como se deu a origem da cidade e como aconteceu o processo de urbanização de Nova Andradina.

A cidade de Nova Andradina fica localizada na região sudeste de Mato Grosso do Sul, conforme mostra o mapa abaixo.

**Mapa 1 - Nova Andradina – Localização do município - (2022)**



Fonte: Elaboração de Pedro A.A. da Silva, organizada por Euzébio de Souza, 2022 com base no ESRI e IBGE.

Observa-se no mapa que Nova Andradina está interligada com três estados por rodovias estaduais e federais. O município se encontra há 300 km da capital sul-matogrossense, 285 km de Presidente Prudente (SP) e 250 km de Maringá (PR). Está localizada no eixo rodoviário que interliga os Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, estando há 67 km da Hidrelétrica Sérgio Motta (conhecida também

como Usina Porto Primavera), que liga os três Estados Tietê-Paraná). Assim, a cidade é privilegiada por essa localização que contribuiu para que o desenvolvimento da cidade acontecesse de forma mais rápida, já que está entre três grandes cidades: Presidente Prudente, Maringá e Campo Grande, facilitando o acesso a recursos que a cidade de Nova Andradina ainda não tinha, como banco e empresas.

O município foi fundado a partir do Decreto-Lei n.º 1.189, no dia 20 de dezembro de 1958, quando se desmembrou da comarca de Rio Brilhante, pertencente até então ao município de Bataguassu. Logo em seguida, em 1959 é empossado o primeiro prefeito, conforme Zoti (2017):

Com a legitimação da cidade de Nova Andradina, o secretário de Estado, por meio do Decreto Estadual n.º 591 no dia 25 de fevereiro de 1959, empossa o primeiro prefeito da cidade de Nova Andradina, Luiz Soares Andrade. Em 1961, termina seu mandato, pois o mesmo estava exercendo o cargo de prefeito perante um ato governamental. Diante disso, como as eleições para prefeito não haviam chegado, a cidade de Nova Andradina passa novamente a se tornar parte do município de Bataguassu, ficando sob a jurisdição da mesma. Mas no mesmo ano, 1961, a partir de um ato especial, o prefeito de Bataguassu cria uma subprefeitura na cidade de Nova Andradina, e nomeando Vearní de Paes Castro para assumir o cargo até a posse do novo prefeito (ZOTI, 2017, p. 53).

A colonização de Nova Andradina aconteceu pela chegada e atuação de empresas privadas: a primeira sendo a Companhia Moura Andrade & Cia, que ocorreu por volta de 1953, quando a companhia chegou às terras do sul de Mato Grosso. Seu fundador, o pecuarista paulista Antônio Joaquim de Moura Andrade (1889-1962), é o mesmo colonizador de Andradina, no interior de São Paulo. Logo, o topônimo Andradina, presente em ambas as cidades, é uma homenagem a Moura Andrade, sendo que na localidade sul-mato-grossense acrescentou-se o prefixo “Nova” para evitar confusões entre as cidades (PREFEITURA DE NOVA ANDRADINA, 2019). Nascido em 22 de dezembro de 1889, em Brotas - SP, filho de Joaquim Teodoro de Andrade e Maria Julia Dores Andrade, Antônio Joaquim de Moura Andrade era casado com Guiomar Soares, e em vida envolveu-se com diversos empreendimentos, até dar início a Companhia Moura Andrade & Cia (O PROGRESSO, 1973).

Nas palavras de Neto (2006), a colonização e as colonizadoras criaram mecanismo de forma que atraiu mão-de-obra para as regiões colonizadas, a fim de conquistar riquezas e consequentemente gerando renda para a região. Nesta medida, a colonização do Vale do Ivinhema, em especial da cidade de Nova Andradina,

aconteceu entre os anos de 1930 a 1950. Sendo nesse período que a Companhia Moura Andrade & Cia e Antônio Joaquim de Moura Andrade ganhou notoriedade e passou a colonizar terras devolutas do governo (O PROGRESSO, 1973).

Entre os anos de 1933 a 1939, a Companhia Moura Andrade iniciou a compra de terras onde atualmente se localiza o município de Batayporã, primeiramente no ano de 1938 adquirindo parte da “Gleba São Bento”, e demarcando outras glebas ao redor. Posteriormente, adquire as terras da fazenda “Caaporã”, localizada no Vale do Paraná, que mais adiante se tornaria Fazenda Primavera, assim, neste contexto, iniciou-se o processo de desmatamento da região (ZOTI, 2017, p.132).

A colonização da região iniciou com compra e desmatamento de diversas glebas e fazendas, entre elas a fazenda Primavera e a fazenda Baile, escolhidas por terem uma terra fértil. Com recursos próprios, a Companhia Moura Andrade & Cia investiu para que cerca de 350 km de estradas fosse aberta, cruzando matas, rios, varjões. Esse fato favoreceu a vinda de outros colonizadores e migrantes com desejo de trabalho e terra (SANTOS, 2015).

Ainda segundo Santos (2015), o que propiciou o rápido desenvolvimento e colonização da região está relacionado ao domínio político e financeiro que Moura Andrade tinha. Relativo ao seu poder econômico, possuía o avião que utilizava como meio de transporte para chegar à região, isso contribuiu para que o processo de urbanização de Nova Andradina fosse acelerado e na mesma medida acumular capital.

Nesse sentido, Smith (1988) aborda a relação que o capital tem com a expansão geográfica no processo de acumulação e como a infraestrutura é fundamental para esse processo:

Já mostramos que a necessidade de acumulação do capital leva a uma franca expansão geográfica da sociedade capitalista, conduzida pelo capital produtivo. Isto exige um contínuo investimento de capital na criação de um ambiente construído para a produção. Estradas, ferrovias, fábricas, campos, oficinas, armazéns, cais, encanamentos, canais, usinas de energia, depósitos para o lixo industrial — a lista é infinita. Estas e outras infinitas infraestruturas são as formas geograficamente imobilizadas-de capital fixo, tão fundamentais ao progresso da acumulação. A localização desse capital é uma questão complexa; diferentes questões e relações econômicas diferem em importância quer examinemos o capital individual ou o processo de acumulação em conjunto. (SMITH, 1998, p. 174-175).

Vale notar que a concentração social e espacial se difere da centralização do capital, assim como aconteceu em Nova Andradina: houve uma concentração social e espacial, no entanto, o capital não foi distribuído de forma equânime, o que gerou a centralização do capital. Isso acontece devido ao fato “das unidades individuais de capital vêm a controlar quantidades cada vez maiores de capital” (Smith, 1988, p.176). Ainda, segundo o autor (1988, p.180) “a centralização social é a centralização do valor de troca em mãos de cada vez menos pessoas” enquanto “a centralização espacial é a centralização física dos valores de uso”. Em consonância a Smith (1988, p. 182), “os trabalhadores estão concentrados em um local, o custo da reprodução da força de trabalho é reduzido porque um certo número de necessidades pode ser consumido em comum”. Logo, a jornada de trabalho e os salários são mantidos no mínimo necessário, maximizando o período de trabalho excedente.

Assim, o desenvolvimento de Nova Andradina verificado com a colonização comandada por Moura Andrade foi desigual, desdobrando-se inclusive na urbanização, quando se verifica de um lado o crescimento econômico, e de outro a pobreza e miséria, como as vividas pelos catadores.

## **1.2 Processo de crescimento desigual de Nova Andradina**

As transformações que a cidade de Nova Andradina passou nas últimas décadas, considerando os aspectos econômicos, ambientais e sociais, têm se dado em razão da instalação de diversas empresas do ramo industrial e comercial, atraindo assim um significativo contingente de trabalhadores de diversas regiões do estado de Mato Grosso do Sul do Brasil e outros países. A consequência desse fluxo é um maior número de pessoas produzindo, consumindo e descartando. Esse processo de urbanização da cidade é importante para compreender como esse crescimento populacional impactou na produção e descarte de lixo.

A posição geográfica é fator que influenciou no desenvolvimento de Nova Andradina, tendo em vista que a localização facilita a implantação efetiva de vias na sua relação/interação com os centros urbanos próximos, uma vez que é servida por vias de circulação, que intensificou essa articulação. Essa relação de interação entre

os centros urbanos veio se consolidando ao longo do tempo e, conseqüentemente, possibilitou que sua condição regional se fortalecesse fazendo com que aumentasse o fluxo de pessoas que buscam, na cidade, serviços de educação, serviços de saúde, comércio e demais serviços públicos. Vale ressaltar que esse processo de colonização implica em um conjunto de transformações na natureza, uma vez que há o desmatamento para se edificar o “meio ambiente urbano”, que segundo Rodrigues:

Neste findar de século, o meio ambiente “natural” está cada vez mais ausente no “meio ambiente urbano”, porque dele foi banido através das formas concretas de desenvolvimento (enterrando-se os rios, derrubando-se vegetação, impermeabilizando terrenos, calçadas, ruas, edificando-se em altura - criando solo urbano, etc.). O meio ambiente urbano parece, assim, referir-se ao ambiente construído (RODRIGUES, 1998, p.90).

Rodrigues (1998) apresenta algumas indagações sobre as formas pelas quais a questão ambiental era analisada pelos geógrafos. A autora destaca a análise de algumas obras e alguns autores, pensando em contribuir e não esgotar o tema pesquisado. Nessas ponderações, o espaço estava presente e era analisado apenas em algumas de suas dimensões, como: de poder, de suporte de atividade industrial, de limites políticos, etc. Assim, a problemática ambiental traz à tona, de forma nova, a dimensão do espaço com toda a sua complexidade que impacta nas atividades econômicas, mesmo que de forma contraditória, pois de um lado há “progresso”, enquanto de outro há o desmatamento.

Com o desenvolvimento da cidade algumas instituições públicas e privadas foram criadas, como a prefeitura municipal, a primeira escola e o fórum. O processo de ocupação foi constituído por pessoas advindas de outros estados e centros urbanos em busca de melhores condições de vida. A característica latifundiária fez parte da atividade produtiva da localidade, representada pela pecuária explorada ao longo do tempo nessa região, pois demandava o emprego de pouca mão de obra e, também, não exigia necessidades educacionais. Mesmo assim, com o aumento demográfico, a figura do colonizador toma para si a responsabilidade de condução dos processos sociais para satisfazer as carências dos moradores (Galvão, 2019)

Zoti (2017, p. 82) afirma que “Nova Andradina, mesmo tendo sua emancipação recentemente, necessitava de uma Instituição escolar, pois a demanda de crianças em idade escolar na região era muito alta”. Conseqüentemente, foi por meio de recursos próprios que o Grupo construiu um barracão onde instalou a primeira escola

nova-andradinense, que teve como docentes os professores Katsuko, Mariko Fujibayashi, Cecília Holanda e Efantina de Quadros, conhecida popularmente como Dona Lalá (Galvão, 2019). O município tinha, em 2014, 50.010 habitantes, segundo a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população do município cresceu 41%, entre 2000 e 2014, a ritmo mais rápido que a média do Estado de MS (26%). A taxa média de crescimento anual da população de Nova Andradina neste período foi de 2,50% e a do Estado de 1,67% (IBGE, 2014). Atualmente, segundo dados do IBGE (2022), Nova Andradina conta com a população estimada de 56.057 habitantes, dos quais 85% residem em áreas urbanas (sede municipal e distrital), cuja geração de resíduos é estimada em 0,700kg/hab/dia.

O processo de crescimento populacional urbano que Nova Andradina vivenciou, resultou também, paulatinamente, no aumento das atividades terciárias. Um fato a ser ressaltado, diz respeito a implantação, por exemplo, das primeiras agências bancárias - no final da década de 1970, Banco do Brasil e em meados da década de 1980, Banco Bradesco. A década de 1970 significou um momento de transformações no perfil econômico e demográfico de Nova Andradina, influenciada, principalmente, pela modernização do campo, por meio da incorporação de pacotes tecnológicos, e pelo processo de migração que o momento em questão propiciava.

Adas (2002) em *Geografia: os impasses da globalização e o mundo desenvolvido* salienta que o crescimento demográfico, o desenvolvimento industrial, as mudanças dos hábitos de consumo e a melhoria da qualidade de vida causam um aumento na quantidade de resíduos produzidos e que, atualmente, infelizmente, o cidadão é, antes de tudo, um consumidor. No entanto, em outro sentido, para Rodrigues (1998), o consumidor não é responsável, sozinho, pela quantidade de resíduos produzidos de forma desnecessária. É necessário repensar quem são os responsáveis pela poluição/destruição:

Nas informações mais gerais- divulgadas pelos meios de comunicação de massa-, parece que apenas uma fração da população é altamente poluidora (a mais pobre), pois desmata para comer, mora perto do lixo ou não cuida do lixo, da higiene, etc. Do mesmo modo responsabilizasse o consumidor final, não importando o extrato de classe, de determinados produtos como responsáveis pela poluição. Trata-se apenas da ponta do "iceberg" (RODRIGUES, 1998, p.76).

Mais adiante, a autora acrescenta:

Por outro lado, os agentes considerados como produtores - os que detêm o capital e/ou os meios de produção-, não são, em geral, tidos como os responsáveis pela “produção da destruição”, até pelo contrário, são tidos apenas como os grandes agentes promotores do desenvolvimento. Agentes Prometéicos de melhor qualidade de vida (RODRIGUES, 1998, p.76).

Assim, a qualidade de vida, enquanto elemento de análise do bem-estar, aparece de alguma forma associada ao “grito de toque a reunir” de grupos e de pessoas conscientes dos problemas sociais conhecidos nas últimas décadas, associados à atual opção de desenvolvimento da sociedade. Essa qualidade de vida está ligada a “produção da destruição”, conforme salienta Rodrigues (1998). Ainda a autora esboça que essa má qualidade de vida está relacionada aos processos de urbanização acelerados:

Mas, aqueles que não participam das condições consideradas adequadas de qualidade de vida e de justiça social, partilham em escala ampliada dos “resíduos” deste processo de urbanização acelerado, respirando o ar poluído das cidades e metrópoles, habitando em situação precária e não tendo trabalho adequado para as necessidades de sua reprodução, sem fornecimento adequado de luz e água e de esgotamento sanitário, sem transportes coletivos suficientes, atendidos como “animais não pensantes” nos hospitais, postos de saúde e até nas escolas. Enfim, sem condições de vida digna (RODRIGUES, 1998, p.90).

Quanto ao surgimento das faculdades e de serviços médicos foi mais uma oportunidade para que a fluxo de pessoas aumentasse na cidade e acelerasse o processo de urbanização, considerando que muitos vieram de outra cidade para estudar, segundo Santana (2019):

Também vale referenciar dois aspectos que vão reforçar a condição regional de Nova Andradina, nos anos 1990. O primeiro diz respeito aos serviços médicos, ressaltando hospital e clínicas, e o segundo, diz respeito ao ensino superior, com a implantação de três instituições nesse período: a UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), a FINAN (Faculdades Integradas de Nova Andradina, hoje denominada Universidade Brasil, e o IESNA (Instituição de Ensino Superior Nova Andradinense), esta última já extinta (SANTANA, 2019, p.76).

Ainda, segundo o autor, nessa ocasião entre os anos de 1990 e 2000, Nova Andradina “já começava a delinear sua condição de referência na oferta do ensino superior.” (SANTANA, 2019, p.76), tendo a sua concretização com a implantação da

UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) em 2008, e o IFMS (Instituto Federal de Mato Grosso do Sul), em 2011. Nesse período, ainda, a cidade teve um aumento de habitantes, considerando que uma parcela da população do campo veio para a cidade:

Em 1991, Nova Andradina contava com 29.848 habitantes. Já no censo de 2000, esse número era de 35.381 e a população residente no campo, passou de 25% para 15%. Durante mais de quatro séculos a vida brasileira esteve muito mais relacionada com o campo do que com a cidade (SANTANA, 2019, 76).

Essa migração contribuiu para esse crescimento da cidade, assim como aconteceu a nível Brasil. Segundo Campanili (2005, p. 69) “A concentração da população nas cidades chegou a 81,2% em 2000, mais do que o dobro registrado em 1970 (30,5%)”, sendo um fator para os altos custos na implantação das infraestruturas de modo geral para o setor público: “Mais de 107 milhões de pessoas somaram-se à população urbana em 40 anos, grande parte em função do êxodo rural” (CAMPANILI, 2005, p.69).

Observa-se na tabela 02 o aumento da população, aproximadamente, de 30% ao ano, que permite dimensionar a evolução populacional do município de Nova Andradina a partir da década de 1990, retratando assim na evolução demográfica o desenvolvimento da cidade nos últimos anos.

**Tabela 02 - Evolução da população de Nova Andradina – MS**

| Ano  | População |
|------|-----------|
| 1990 | 29.848    |
| 2000 | 35.381    |
| 2010 | 45.585    |
| 2022 | 56.057    |

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados do IBGE.

Com base nos dados da tabela 02, verifica-se um aumento populacional muito significativo. A evolução apresentada retrata o aumento do número de habitantes em quase 70% em 30 anos. Neste contexto, fica evidente o processo de urbanização

acelerado e o aumento da produção de resíduos nos últimos anos e desta forma, conforme se desenvolvia, a cidade gerava mais catadores, consequentemente.

Sendo assim, o período em destaque do aumento populacional, representou um momento, não só de concentração populacional, como também econômica em Nova Andradina, levando a cidade a uma dinâmica e condição diferenciada, figurando, também, um processo de crescimento populacional urbano acompanhado pela migração campo-cidade. Dessa forma, acontece o intercâmbio, a produção para troca, fundamentado por Smith (1988).

O excedente pode assumir muitas formas, dependendo parcialmente do que permitem as condições naturais ou fomentam as reservas alimentares, aumento da população, ocupação não produtiva, etc. Em certas formas pode ser consumido, noutras não. Quando em forma material não consumível (p. ex., uma safra de trigo superior à que pode ser consumida ou armazenada) o produto pode ser trocado por outros valores-uso. A produção de um excedente é condição necessária, apesar de não suficiente, para que ocorra a troca regular de valores uso. A produção para a troca faz com que a relação com a natureza deixe de ser exclusivamente a de valor-uso; valores-uso não são produzidos para uso direto, mas para o intercâmbio. Quando houver intercâmbio de valores-uso específicos em quantidades também específicas, transformam-se socialmente em bens, que existem concomitantemente como valores de troca e como valores-uso (SMITH, 1988, p. 77).

Essa concentração populacional e o modo de produção impulsionou a produção de resíduos e consequentemente o aumento da mão-de-obra de catadores de material sólido urbano. Parte dessa população trabalhadora não entrou para o mercado de trabalho formal já que a cidade não comportava estruturalmente a quantidade de pessoas que recebia.

Ressalta-se, também, a conexão com Dourados, fator que estimulou e favoreceu o seu processo de inserção e manutenção na rede urbana, como um centro em ascensão, no ramo da pecuária bovina e, posteriormente, da cana-de-açúcar, conforme Santana (2019):

A partir da incorporação da cana-de-açúcar, Nova Andradina presencia um momento em que seus papéis e funções urbanas vão aos poucos sendo redefinidos, destacando-se na assistência técnica e venda de produtos e maquinários agrícolas, que não eram encontrados nos centros urbanos mais próximos (SANTANA, 2019, p. 76).

Esse crescimento provocou o aumento da produção de materiais sólidos, impulsionando assim o número de catadores nas ruas da cidade que não tinham

emprego e condições de sobrevivência. Para Smith (1988, p. 221) “O desenvolvimento desigual é a desigualdade social estampada na paisagem geográfica e é simultaneamente a exploração daquela desigualdade geográfica para certos fins sociais determinados”.

Todo esse cenário traz mudanças definitivas no espaço geográfico de Nova Andradina. Um espaço que antes era tomado pela pecuária tradicional e uma agricultura precária tornou-se hoje um centro do agronegócio na expansão e na consolidação do capitalismo. O lugar onde antes se via um tempo lento, hoje presencia um tempo veloz marcado pela fluidez do território determinada pela infraestrutura, a circulação, a globalização, as relações, enfim pela presença cada vez maior de novas técnicas.

No entanto, compreende-se que a falta de planejamento de política públicas na urbanização da cidade acarretou vários problemas urbanos. Primeiramente, estrutural: a cidade não comportava o número de pessoas que chegava e por isso surgiu as moradias precárias na periferia da cidade. Outra situação foi a de descarte de lixo de forma irregular: como não havia políticas que previam a destinação dos resíduos, os lixos foram descartados a céu aberto, o antigo lixão. Com o antigo lixão instalado, as pessoas que foram atraídas para a cidade, mas que por diversos motivos não conseguiam renda, viram na catação uma oportunidade de sobrevivência e surgia, assim problemas na dimensão social do espaço de Nova Andradina.

### **1.3 O antigo lixão e a implantação do aterro sanitário como resultado do crescimento acelerado de Nova Andradina**

Para Campanili (2005) “Todos os produtos que consumimos são extraídos da natureza, desde os que suprem as nossas necessidades básicas (...) até àqueles que nem usamos e descartamos”, sendo assim, é consequência

A produção de resíduos o próprio viver humano “Da mesma forma que precisamos consumir para viver, passamos toda a vida gerando resíduos. ” (CAMPANILI, 2005, p. 398). No entanto, a inexistência de políticas públicas transforma essa necessidade básica do ser humano em problemas de ordem social e ambiental, quando não administrada pelo poder público.

Em Nova Andradina, quando iniciou o processo de colonização foi se produzindo lixo, na medida em que se chegavam mais pessoas na cidade, mais resíduos eram gerados e não havia políticas públicas que instruíam sobre a destinação do lixo. Campanili (2005) destaca que não se havia uma preocupação com o descarte desses resíduos:

Até bem pouco tempo, ninguém se importava com o que acontecia com o lixo, afinal o Planeta era a lata de lixo do ser humano. Podia-se jogar o lixo em qualquer lugar e de qualquer forma, causando contaminação e desmatamento de áreas, poluição de rios e mares e transmissão de doenças. Hoje, sabe-se que não é bem assim. O lixo tornou-se um grande problema socioambiental e de saúde pública urbano. Não existem dados confiáveis ou sistematizados sobre quanto lixo é produzido no mundo, quais os produtos químicos que estão sendo usados na composição dos novos produtos que consumimos, principalmente os tecnológicos, e os impactos que temos de fato com sua produção e descarte. No Brasil, o IBGE tem realizado pesquisas sobre a produção e destinação final do lixo domiciliar. Os dados são, no mínimo, questionáveis, fornecidos em geral pelas prefeituras e de difícil verificação. Quanto aos demais tipos de lixo, o controle é ainda mais precário (CAMPANILI, 2005, p.398).

Conforme exposto no trecho acima, a preocupação com a destinação do lixo é recente. Somente em 2010 é que surge uma legislação relacionada ao descarte de resíduos sólidos; a Lei Federal de LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010 institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS<sup>1</sup>. Na referida lei, contém instrumentos para permitir o avanço necessário ao País no enfrentamento dos principais problemas ambientais, sociais e econômicos decorrentes do descarte inadequado dos resíduos sólidos. Ainda, até 2014 os lixões deveriam ser fechados e criados aterros sanitários, sendo que somente os rejeitos deveriam ser encaminhados a eles. A partir da PNRS institui-se O Plano Nacional de Resíduos Sólidos em que aborda, alternativas de gestão e gerenciamento, e metas para diferentes cenários com seus programas, projetos e ações em 20 anos.

Conforme a PNRS, caracteriza-se por resíduo sólido:

Para os efeitos desta Lei, os resíduos sólidos têm a seguinte classificação: I - quanto à origem: a) resíduos domiciliares: os originários de atividades domésticas em residências urbanas; b) resíduos de limpeza urbana: os originários da varrição, limpeza de logradouros e vias públicas e outros serviços de limpeza urbana; c) resíduos sólidos urbanos: os englobados nas alíneas “a” e “b”; d) resíduos de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços: os gerados nessas atividades, excetuados os referidos nas alíneas “b”, “c”, “g”, “h” e “j”; e) resíduos dos serviços públicos de saneamento básico: os gerados nessas atividades, excetuados os referidos na alínea “c”;

f) resíduos industriais: os gerados nos processos produtivos e instalações industriais; g) resíduos de serviços de saúde: os gerados nos serviços de saúde, conforme definido em regulamento ou em normas estabelecidas pelos órgãos do Sisnama e do SNVS; h) resíduos da construção civil: os gerados nas construções, reformas, reparos e demolições de obras de construção civil, incluídos os resultantes da preparação e escavação de terrenos para obras civis; i) resíduos agrossilvopastoris: os gerados nas atividades agropecuárias e silviculturais, incluídos os relacionados a insumos utilizados nessas atividades; j) resíduos de serviços de transportes: os originários de portos, aeroportos, terminais alfandegários, rodoviários e ferroviários e passagens de fronteira; k) resíduos de mineração: os gerados na atividade de pesquisa, extração ou beneficiamento de minérios (BRASIL, 2010, art.13).

Em sequência, na Seção IV, que trata dos Planos Municipais de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, o Art. 18 destina recursos a empreendimentos e serviços relacionados à limpeza urbana e ao manejo de resíduos sólidos prioritariamente aos que:

§ 1º serão priorizados no acesso aos recursos da União referidos no **caput** os Municípios que: I - optarem por soluções consorciadas intermunicipais para a gestão dos resíduos sólidos, incluída a elaboração e implementação de plano intermunicipal, ou que se inserirem de forma voluntária nos planos microrregionais de resíduos sólidos referidos no § 1º do art. 16; II - implantarem a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda. 2º Serão estabelecidas em regulamento normas complementares sobre o acesso aos recursos da União na forma deste artigo (BRASIL, 2010, art.18) (grifos nossos).

Assim, além da obrigatoriedade do aterro sanitário, a lei prevê recursos para diversas situações ecológicas, sendo uma delas a implantação da coleta seletiva (termo utilizado para o recolhimento dos materiais que são possíveis de serem reciclados, previamente separados na fonte geradora) com a participação de cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis. Sendo desse modo, devido aos problemas socioambientais e as essas leis iniciou a operacionalização do aterro sanitário em Nova Andradina, que antes era a céu aberto, bem como se deu início a coleta seletiva.

Antes, o “lixão”, localizado às margens da MS 473, há 7 km da sede do município, representava um sério prejuízo ecológico e um grande risco à saúde pública da cidade. Distante, o “lixão” era o destino de todo o lixo produzido pelos moradores do município. Por dia, o município produz em média, 29 toneladas de lixo.

Segundo Gouveia (2012) são gerados entre 180 e 250 mil toneladas de resíduos sólidos urbanos coletados no Brasil, diariamente. Com a implantação do aterro sanitário, o lixo passou a ser separado e recebendo assim a destinação correta, conforme prevê a PNRS. É importante salientar que a implantação do aterro sanitário trouxe uma grande modificação na forma de trabalho de muitos catadores, pois uma grande parte atuava somente no chamado “lixão”, onde muitos consideram que tinham um melhor rendimento do que nos dias atuais. O relato do entrevistado número 04 corrobora:

Agora tem bastante fazendo isso e tá mandando muito material. Eu ia bem cedinho e voltava à noite, ficava o dia inteiro. A esposa ia junto, ela ia que eu fiz uma cabaninha e ela ficava na sombra, ela ficava debaixo dela ali. Catava lá no lixão tudinho, trazia e colocava ali e ela ficava colocando no saco desse jeito aí. Fiquei um ano, um ano e pouco, aí depois surgiu o aterro. Era muito perigoso, tinha muito lixo e achava muita coisa, achava até celular igual esse aí” (ENTREVISTADO NÚMERO 04).

Analisando as imagens 01 e 02, a seguir, observa-se como os materiais eram descartados de forma irregular, e assim por décadas, provocando sérios problemas ao meio ambiente e a saúde da população em geral e inclusive dos catadores que ali atuavam.

**Imagem 01 e 02 - Antigo lixão em Nova Andradina-MS**



**Foto:** Jornal Nova News, 2017.

**Imagem 02**



**Foto:** Luciene, Site: Nova News, 2017.

As imagens do antigo lixão em Nova Andradina-MS retratam uma realidade presente em vários lugares do Brasil. O problema do descarte de materiais não é um problema novo na zona urbana, provocando assim a relação entre homem, lixo e espaço. Surgem, assim, sérios problemas relacionados a saúde e a necessidade de separar o homem de seus dejetos, como o grande agravante da peste bubônica, ou peste negra, que dizimou metade da população da Europa no século XIV, foi a ação humana direta, que jogavam seus lixos nas ruas e terrenos baldios, e assim atraindo milhares de ratos, que por meio de suas pulgas, infectaram grande parte da população.

Ainda, segundo Gouveia (2012), há um grande número de municípios brasileiros em que esses resíduos são depositados de forma irregular, ao céu aberto. Segundo o autor:

O percentual de municípios que utilizam aterros controlados, onde os resíduos são apenas cobertos por terra, manteve-se praticamente inalterado entre 2000 e 2008, e houve aumento na destinação para os aterros sanitários, que utilizam tecnologia específica de modo a minimizar os impactos ambientais e os danos ou riscos à saúde humana. Essa situação é relativamente melhor quando são analisadas as quantidades diárias de resíduos coletados (GOUVEIA, p.02, 2012).

Dessa forma, entre 2000 e 2008, aumentou significativamente a participação dos aterros sanitários e houve pequena diminuição da disposição de resíduos em lixões. Isso se deve ao fato de uma grande parte desses resíduos ser produzidos em apenas alguns grandes centros urbanos, os quais contam geralmente com locais adequados para disposição final. Outras destinações para os resíduos sólidos urbanos, como a compostagem, incineração e reciclagem, tiveram pequenas variações nesse período.

Em Nova Andradina, foi utilizado a construção do aterro sanitário, a fim de minimizar essas situações, conforme mostra as imagens 03 e 04:

**Imagem 03** - Processo de construção e utilização do Aterro Sanitário em Nova Andradina



Fonte: PMNA, imagens.

**Imagem 04** - Processo de utilização do Aterro Sanitário em Nova Andradina



Fonte: PMNA, Imagens

O processo de construção e o início operacionalização do aterro sanitário durou pelo menos 11 anos, passando por longos e desgastantes processos, envolvendo a Prefeitura Municipal, Poder Legislativo Municipal, Ministério Público Estadual, Empresas Terceirizadas e consultas públicas. Deu-se início no ano de 2007 com conclusão no ano de 2019. A área total chegou a 20.600 metros quadrados de construção e custou pouco mais de R\$ 1.300.000,00. A obra foi viabilizada com recursos próprios da prefeitura e da Funasa. O custo mensal para a operacionalização e manutenção do aterro é de aproximadamente R\$ 210.000,00 reais.

Para Rodrigues (1998), os aterros sanitários são considerados mais adequados dentre as opções usuais de processamento dos resíduos urbanos, devido aos tipos de tratamento que são feitos:

Deposição em aterros sanitários - os aterros sanitários são considerados os mais adequados. O lixo recebe um tratamento que quebra o ciclo do processo unicamente cumulativo, através de: tratamentos por digestão anaeróbica, por digestão aeróbica, por digestão semi-aeróbica e biológicos. Desse modo, minimizam-se os problemas decorrentes da deposição simples ou controlada do lixo. São, segundo o IBGE, depositados em aterros sanitários 10% do lixo urbano (RODRIGUES, 1998, p.90).

Diariamente, quando os caminhões da empresa terceirizada Transresíduos que recolhem os resíduos na cidade chegam ao aterro sanitário, é despejado o lixo em uma balança onde é pesado. Com o uso de tratores iniciasse o processo de espalhar e compactar o lixo, conforme imagem 04, em camadas no terreno, que posteriormente será coberto por terra. Esse processo, evita mal cheiro, insetos e animais. Quando começa a se decompor, o lixo gera chorume, líquido escuro e produzido pela decomposição da matéria orgânica depositada, que será drenado e tratado para garantir a proteção ambiental, evitando a contaminação do solo e, principalmente, do lençol freático.

Com a finalização e a ativação das atividades do aterro sanitário em 2019, a associação de catadores de recicláveis Nova Limpa recebeu do poder público suporte para as novas instalações, possibilitando assim a estruturação do espaço físico para fortalecer as atividades relacionadas ao processo de separação de material sólido urbano.

Considerando que a estruturação do sistema de gerenciamento, a destinação e o tratamento dos resíduos coletados de residências e as empresas situadas na área urbana fazem parte da Política Nacional de Resíduos Sólidos, como visto, a legislação federal obriga os municípios a instituírem o tratamento do lixo. Assim, o poder público construiu o aterro sanitário para dar destinação adequada aos materiais coletados nas residências e indústrias e iniciou processo de implementação da coleta seletiva, que será abordado no próximo tópico. A imagem 05 mostra o aterro sanitário em processo de compactação.

**Imagem 05** - Aterro sanitário - em processo de compactação



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2022.

Em vista do aumento de resíduos sólidos, vale salientar que o desenvolvimento desigual, apresentado até aqui, de Nova Andradina é pautado na acumulação de capital que exige o consumo/consumismo e, conseqüentemente, cresce o consumo de forma desenfreada, assim como a quantidade de lixo e de catadores.

#### **1.4 Coleta e destinação dos resíduos sólidos urbanos em Nova Andradina**

O serviço de coleta de resíduos sólidos urbanos<sup>1</sup> de Nova Andradina é realizado por funcionários da Prefeitura Municipal, os garis, através da Secretaria Municipal de Serviços públicos. O município realiza a coleta de resíduos domiciliares, recicláveis e volumosos com regularidade semanal e estes resíduos possuem destinação ao aterro sanitário. Além disso, também dispõe de um aterro específico para resíduos de construção civil e resíduos de poda e varrição e uma vez ao ano existe a campanha da coleta de lixo eletrônico. A coleta seletiva é realizada por uma

---

<sup>1</sup> Informações adquiridas em entrevista com o secretário do meio ambiente.

empresa terceirizada e encaminhada para o barracão em que atua a associação dos catadores de material sólido urbano.

Os serviços de coleta seletiva são realizados nos vinte e cinco bairros da cidade e no distrito Nova Casa Verde, semanalmente. O caminhão passa nos bairros, conforme o cronograma de coleta seletiva, folheto 01, e recolhem o material que a comunidade separa.

### Folheto 01 – Roteiro da coleta seletiva em Nova Andradina

**atenção mudança no ROTEIRO DE COLETA**

SEGUNDA-FEIRA: CENTRO EDUCACIONAL - GUIOMAR SOARES  
HORTO FLORESTAL - VILA BEATRIZ - CAMPO VERDE

TERÇA-FEIRA: BAIRRO CAPILÉ - JARDIM ALVORADA - IRMAN RIBEIRO  
SANTA TEREZINHA - BAIRRO DOS PROFESSORES

QUARTA-FEIRA: VILA OPERÁRIA - SÃO VICENTE - SINHÁ ESTELA  
VILA SANTO ANTONIO - MONTE CARLO - JARDIM IMPERIAL  
(Quinzenalmente)

QUARTA-FEIRA: Distrito Nova Casa Verde (Quinzenalmente)

QUINTA-FEIRA: PORTAL DO PARQUE - GRANDE UNIVERSITÁRIO  
COHAB - PEDRO PEDROSSIAN - IPANEMA

SEXTA-FEIRA: CRISTO REI - BELA VISTA - ARGEMIRO ORTEGA  
ULISSES PINHEIRO

**atenção atenção atenção tabela de reciclagem**

**PAPÉIS**

**RECICLÁVEIS:** JORNAIS E REVISTAS - PAPEL SULFITE/RASCUNHO, FOLHAS DE CADERNO - PAPEL DE FAX  
CAIXAS EM GERAL, PAPELÃO - ENVELOPES E CARTAZES

**NÃO RECICLÁVEIS:** ETIQUETAS ADESIVAS - PAPEIS CARBONO E CELOFANE - PAPEIS PARAFINADOS  
E PLASTIFICADOS - PAPEIS SANITÁRIOS - BITUCAS DE CIGARROS

**PLÁSTICOS**

**RECICLÁVEIS:** COPOS E GARRAFAS - SACOS E SACULAS - CANOS E TUBOS DE PVC - EMBALAGENS EM GERAL  
(REFRIGERANTE, SUCO, ÓLEO, VINAGRE, BISCOITOS E SALGADINHOS)

**NÃO RECICLÁVEIS:** CABOS DE PANEIS - ADESIVOS - ESPUMAS - ACRÍLICOS - ISOPOR

**VIDROS**

**RECICLÁVEIS:** GARRAFAS E COPOS - POTES E EMBALAGENS EM GERAL - CACOS DOS PRODUTOS CITADOS

**NÃO RECICLÁVEIS:** ESPELHOS E LÂMPADAS - BOXES TEMPERADOS - LOUÇAS EM GERAL - TUBOS DE TV  
PARA-BRISAS

**ATENÇÃO:** Se possível, separe o vidro de outros recicláveis.  
• Armazene o vidro em sacola ou caixa de papelão.  
• Se já estiver quebrado, envolva o vidro em jornal ou outro tipo de papel, assim ajudando na proteção dos  
nossos catadores da coleta seletiva.  
• Identifique que a sacola ou caixa tem vidros.  
• Lâmpadas fluorescentes não vão para o cesto de recicláveis.

**ATENÇÃO GRANDES VOLUMES:** Bares e Restaurantes, acondicionar o material adequadamente em bags,  
para contribuir com o momento da coleta! **SACOS DE NO MÁXIMO 20KG**

**METAL**

**RECICLÁVEIS:** TAMPINHAS DE GARRAFAS - ENLATADOS - PANEIS SEM CABO - FERRUGENS EM GERAL

**NÃO RECICLÁVEIS:** CLIPES E GRAMPOS - ESPONJAS DE AÇO - LATAS COM TINTA, VERNIZ,  
SOLVENTES - QUÍMICOS E INSETICIDAS

**OUTROS RESÍDUOS QUE ESSA COLETA NÃO RECOLHE**

PNEUS - PILHAS E BATERIAS - COLCHÕES - MADEIRA - MOBILHAS DE MADEIRA  
FOLHAS E GALHOS DE ÁRVORES

Fonte: Site da Prefeitura Municipal, 2023.

Nessa perspectiva de organização da coleta de material sólido urbano o engenheiro ambiental, Marcos Affonso, responsável pelo aterro sanitário, salienta há uma programação semanal que atendem todos os bairros da cidade e a coleta é feita em um caminhão baú:

Os recicláveis são coletados de segunda a sexta-feira, em todos os bairros, obedecendo uma programação semanal. A coleta é feita em caminhão baú por dois coletores contratados pela empresa. Os materiais são encaminhados até a Associação, que se encarrega do processo de separação (ENTREVISTADO NÚMERO 08).

Em Nova Andradina, existem os catadores associados e os catadores autônomos que executam a coleta seletiva de maneira informal na cidade. Os catadores autônomos atuam nas ruas, coletando informalmente e a coleta que realizam acontece nos estabelecimentos comerciais e nos acondicionamentos domiciliares (sacos de lixo dispostos na via pública).

Em 2007, foi quando surgiu a primeira associação em Nova Andradina: a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Nova Andradina – CORENA, organizada oficialmente em 06/06/2008, nas quais as coletas eram realizadas pelos integrantes da associação, de casa em casa, acompanhados pelo caminhão da prefeitura. Mas, devido à falta de incentivos, principalmente do poder público e uma melhor organização por parte dos integrantes, essa associação passou a enfrentar grandes desafios, a ponto de tornar-se quase inativa. Diante do aumento de catadores autônomos e buscando uma melhor organização para a categoria, a associação se reorganiza em 2018, agora com o nome Nova Limpa.

O início da reorganização da associação Nova Limpa se deu com uma reunião na prefeitura municipal com os catadores e os engenheiros ambientais da prefeitura. A ata oficial<sup>2</sup> foi disponibilizada para análise e assim segue parte dos registros:

Aos vinte e sete dias do mês de agosto de dois mil e dezoito, às quatorze horas, na Sala de Licitações da Prefeitura Municipal, localizado na Avenida Antônio Joaquim de Moura Andrade, no 541, no Município de Nova Andradina — MS, onde reuniram-se os trabalhadores que atuam na catação de resíduos recicláveis, juntamente com os Engenheiros Ambientais Marcos V. G. Affonso e Naiara do Vale Almeida, com a finalidade de fundar uma associação para representar os Catadores de Materiais Recicláveis de Nova Andradina, bem como tratar de seus interesses junto aos órgãos públicos e privados (PREFEITURA DE NOVA ANDRADINA, 2018).

Na conclusão da reunião, o estatuto da associação Nova Limpa foi aprovado por unanimidade entre os presentes:

---

<sup>2</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ANDRADINA. Sala de licitações. Ata da reunião realizada no dia 27 de agosto de 2018.

Após finalizar os debates foi colocada em votação a aprovação do Estatuto que foi aprovado por unanimidade. Em seguida José Geraldo declarou fundada a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis — NOVA LIMPA. Após, procedeu a eleição do Conselho Administrativo e do Conselho Fiscal, que por aclamação da Assembleia indicou os seguintes membros: Presidente do Conselho Administrativo — José Geraldo Pereira dos Santos; Vice- Presidente — Cristina Ap. Santos de Abreu; Secretário — Juliana Ercílio Alves; Tesoureiro — José Alves; 1º Suplente — Edna da Costa Ataíde; Presidente do Conselho Fiscal — José Geraldo Pereira dos Santos; Conselheiro — Zenaide S. M. dos Santos; Conselheiro — Eva R. da Silva Lima (PREFEITURA DE NOVA ANDRADINA, 2018).

Assim, na ocasião, a Diretoria eleita foi imediatamente empossada com cada membro em seu respectivo cargo. Por fim, os associados delegaram ao Conselho Administrativo a elaboração do Regimento Interno da Associação.

A lei municipal que regulamenta as atividades da associação é o DECRETO Nº. 2.778, de 28 de abril de 2021. Com bases nas diretrizes previstas na Lei Federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, e o incentivo à indústria da reciclagem, o fomento ao uso de matérias-primas e insumos derivados de material sólido urbano e reciclados, o decreto possui 10 (dez) artigos que registram como deve acontecer o sistema de separação dos resíduos recicláveis e a destinação correta:

Art. 1º Fica instituído o sistema de separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos da administração pública municipal, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, (...). Art. 2º O sistema de separação dos resíduos recicláveis consiste na disposição dos resíduos sólidos produzidos nas dependências dos órgãos da administração pública municipal (...). Art. 4º A implantação do sistema de coleta seletiva de resíduos sólidos será acompanhada de um processo permanente de educação ambiental com a supervisão da Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Art. 5º Fica constituída uma Comissão Interna para a Coleta Seletiva do Centro Administrativo da Prefeitura Municipal composta por no mínimo dois (duas) servidores (as) de cada Secretaria Municipal sediada no local. §1º Os titulares dos órgãos referidos no “caput deste artigo deverão indicar os (as) servidores (as) ao Prefeito Municipal, sendo que no mínimo um (a) deles (as) deve ser do Quadro efetivo, que fará a designação mediante Portaria. (...) Art. 9º Os resíduos recicláveis coletados nos setores da administração pública poderão ser destinados a associações e/ou cooperativas que tiveram termo de compromisso com a Prefeitura Municipal de Nova Andradina e estiverem de acordo com a legislação municipal, estadual e federal (...) (NOVA ANDRADINA, 2021).

Além do decreto, há um contrato de Nº. 199J2021, entre a prefeitura e a associação que ajuda a entender a relação entre ambos. O referido contrato, explicita a concessão do uso de 01 Espaço Público denominado Usina de Processamento de

Lixo - UPL, utilizado para separação dos resíduos recicláveis coletados em toda a extensão do município de Nova Andradina, desde residências até comércios e indústrias, que garante o seguinte: a prefeitura como contratante compromete-se a conscientizar sobre o programa de coleta seletiva e a fiscalizar irregularidades:

3.1 — Promover campanhas educativas, a fim de consolidar o Programa de Coleta Seletiva; 3.2 — Definir o roteiro de coleta seletiva; 3.3 - Exercer a fiscalização no local, objeto deste contrato; 3.4 - Notificar a contratada, caso haja quaisquer irregularidades ou defeito na execução do objeto (NOVA ANDRADINA, 2021).

E por outro lado, a associação como contratada compromete-se a manter o espaço em bom funcionamento espaço, um barracão, e cumprir com as responsabilidades trabalhistas, segurança, destinação correta dos resíduos coletados, entre outros:

4.1 - Manter o bem objeto deste contrato, e necessária ao seu bom funcionamento ; 4.2 - Não transferi-lo a outrem (...) ; 4.3 - Não poderá o CONTRATADO dar destinação diferente ao bem público objeto do presente contrato; 4.4 - Fornecer, sempre que solicitado, informações sobre o local, bem como, sobre a demanda de insumos; 4.5 - Realizar a triagem, o enfardamento, a prensa e a destinação final dos materiais; 4.6 - Destinar os rejeitos oriundos das atividades de triagem, após embalados, para o recolhimentos das empresas responsáveis; 4.7 — Comercializar o produto coletado com agentes e empresas regulares, 4.8 - Cumprir fielmente o Estatuto registrado em cartório que rege a associação, a fim de provar veracidade das atividades desenvolvidas pela Associação; 4.9 - Manter em dia as obrigações fiscais, trabalhistas e sociais, responsabilizando-se por todas as obrigações e direitos previdenciários e trabalhistas de seus cooperados; 4.10- Manter a documentação fiscal e trabalhista em ordem e sob sua guarda, contratando Contabilista para os serviços atinentes; 4.11 - Utilizar os equipamentos e a estrutura física, para que as operações de coleta e seu processamento seja menos oneroso possível; 4.12 - Adquirir e disponibilizar de forma adequada, a todos os colaboradores, os equipamentos de proteção individual - EPI's, visando o bem estar e a preservação da saúde, exigindo e garantido sua utilização; 4.13 - Operar com organização completa, independente e sem vínculo com a CONTRATANTE, executando o serviços, com pessoal próprio, devidamente habilitado para execução de suas tarefas; 4.14 — Manter com o município, através de seus representantes e interlocutores, um intercâmbio constante no sentido de incrementar e aperfeiçoar suas atividades, e, no que mais couber (NOVA ANDRADINA, 2021).

Os catadores autônomos coletam com os carrinhos de mão e armazenam em suas residências, com o objetivo de obterem um volume suficiente para a venda. Estes catadores coletam diversos materiais recicláveis, seguindo uma rotina geográfica

diária, passando nos pontos definidos, onde em alguns casos, depois de combinarem com moradores e comerciantes para separem o material a serem retirados.

Alguns catadores coletam também nos pontos de apoio, imagem 06, os ecopontos, como são conhecidos, que foram fixados a fim de ser um ponto de apoio à coleta realizada pelos catadores, assim como deposição parcial dos recicláveis coletados na área urbana. No entanto, ainda faltam ecopontos em outras localizações da cidade. Alguns estão instalados em locais com maior demanda e concentração populacional.

**Imagem 06** - Ecoponto fixado ao lado do Centro de Convenções



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2022.

Periodicamente o caminhão da coleta seletiva, também recolhe os materiais no ecoponto central, encaminhando assim para a associação de catadores, onde é feito o processo de separação e prensa, para que se comercialize esse material seletivo. De acordo Rodrigues (1998) esses materiais que vão para a reciclagem se transformam em “nova mercadoria” e alimenta a indústria da reciclagem, já que novos produtos serão comercializados para serem consumidos:

É evidente que os discursos das empresas mostram uma nova matriz discursiva. Mostram a importância das “novas mercadorias”, sem, contudo, denominá-las como mercadoria. Parece que as empresas estão preocupadas apenas com a problemática ambiental e que ao assim procederem cumprem

uma função social. Mas como já foi demonstrado é evidente que lhes interessa obter mais dessas novas mercadorias. A ampliação da separação para reciclagem pode possibilitar a obtenção de maior volume de “matéria prima” a um preço menor. Mas, na medida em que utilizam está “nova” mercadoria, podem auxiliar para alterar a mentalidade da sociedade de desperdício? Ou continuar-se com a produção de mais e mais mercadorias descartáveis? Sobre a questão do papel (e o lixo proveniente do uso) um exemplo recente parece esclarecedor (RODRIGUES, 1998, p.90).

Destarte, o aumento da produção de material sólido urbano, no processo de desenvolvimento de Nova Andradina e do consumismo fez com que algumas empresas de reciclagem se instalassem em Nova Andradina, além de catadores autônomos que diariamente recolhem e revendem para estas empresas, que por sua vez repassa para um terceiro, os intermediários das cidades vizinhas.

## 2. CAPÍTULO II

### EXCLUSÃO/INCLUSÃO SOCIAL DOS CATADORES DE MATERIAL SÓLIDO URBANO EM NOVA ANDRADINA-MS

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações a profissão de catador de material reciclável foi oficializada em 2002, sob os títulos de: trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável, catador de material reciclável, catador de ferro-velho, catador de papel e papelão, catador de sucata, catador de vasilhame, enfardador de sucata (cooperativa), selecionador de material reciclável, operador de prensa de material sólido.

Antes de adentrar aos depoimentos dos catadores para analisar a situação de exclusão/inclusão que vivem, torna-se necessário compreender alguns aspectos a respeito dos conceitos de exclusão e inclusão. Para isso, usar-se-á *Exclusão social e ruptura dos laços sociais: análise crítica do debate contemporâneo* de Leal (2011) para ponderar como vem sendo tratado o termo exclusão e em sentido diferente, não para contradizer, mas para completar, algumas considerações de Martins (1997) em *Exclusão social e a nova desigualdade*.

Leal (2011) traz considerações sobre uma parte da literatura das ciências humanas com a finalidade de retomar os usos e significados desse termo, evidenciando seus limites enquanto categoria de análise para as explicações dos fenômenos sociais geralmente que a ele é associado. Para a autora, o termo exclusão social, mesmo que de modo indefinido, em seus diversos contextos, tem sido amplamente discutido a partir da década de 1990:

A simples ideia, ainda que indefinida, de pessoas que vivam uma situação ou um processo de exclusão social deixa transparecer a dimensão humana do problema que ela significa. Além de um problema humano, a exclusão social é também um problema social central que suscita questões essenciais para a Sociologia, seja como negação prática de um projeto de sociedades que se representam como tendendo à integração, seja como evidência de um princípio excludente inerente a elas (LEAL, 2011, p.8).

Conforme explicita Leal (2011) no fragmento, as primeiras observações necessárias sobre a noção de exclusão social - já que devido a fragilidade do termo a autora se refere a ele como noção e não conceito - é a própria “ausência da sua definição única e a multiplicidade e diversidade de pressupostos, hipóteses e teses que se constroem em torno dela” (LEAL, 2011, p.8).

Após um levantamento bibliográfico dos autores que têm trabalho com a exclusão social como, Cristovam Buarque, Pedro Demo, José de Souza Martins entre outros, e os diversos paradigmas que expressam suas diferentes abordagens, Leal (2011) faz um recorte e dentre as várias abordagens da exclusão se dedica à que trata a exclusão social como fragilização e quebra dos laços sociais.

Para chegar a essa abordagem da exclusão como fragilização e quebra dos laços sociais, citando Silver (1994), Leal (2011) traz os três principais paradigmas que perpassam as diversas noções que tratam da exclusão internacionalmente, primeiro, e depois no Brasil, para reflexão. Segundo Leal (2011):

O primeiro está associado ao republicanismo francês e é tributário de sua preocupação central com a integração social. Nele, a exclusão social é compreendida como deficiência de solidariedade, isto é, como quebra do vínculo social entre indivíduo e sociedade, especialmente quanto à orientação cultural e moral. Já no paradigma da especialização, sustentado pela ideologia liberal, a exclusão refere-se à restrição à liberdade de participar de determinados intercâmbios sociais (por exemplo, no mercado de trabalho ou em certas modalidades de consumo). Trata-se de uma consequência da diferenciação social, da divisão econômica do trabalho e da separação da vida social em distintas esferas, advindas de barreiras que se opõem à livre circulação ou intercâmbio entre as esferas ou da aplicação de regras externas e impróprias a determinada esfera (regras culturais sobre a economia, por exemplo). Nesse caso, a exclusão é uma forma de discriminação. Por sua vez, no paradigma do monopólio, embasado na ideologia socialdemocrata, a exclusão é pensada em relação a recursos escassos. Ela está associada à não realização dos direitos de cidadania, originando-se da dinâmica de interação das classes sociais em disputas pelos recursos econômicos e pelo poder político. Como consequência da formação de monopólios de grupos sobre determinados benefícios, a exclusão corresponde a uma forma de dominação (LEAL, 2011, p.8).

Com base nesses paradigmas apresentados, Leal (2011) traz discussões em sua obra sobre diversos autores em cada vertente citada. Com base nisso, faz um panorama dos três tipos de definições da exclusão social mais sistematizadas e recorrentes no Brasil, que a autora define a partir da identificação de elementos comuns, conforme tabela apresentado no livro:

**Tabela 02** – Definições da exclusão social

| Definições da exclusão social                                                                                                             | Conceito privilegiado na perspectiva adotada | Alguns autores que as utilizam           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|------------------------------------------|
| Privações e vulnerabilidades que fazem parte de um modo de inserção social subordinado                                                    | Contradição                                  | José de Souza Martins; Pedro Demo        |
| Alijamento de direitos de cidadania                                                                                                       | Cidadania                                    | Aldaíza Sposati                          |
| Processo de fragilização e/ou ruptura de laços sociais e, em alguns estudos, condição à qual os indivíduos chegam por meio desse processo | Integração social                            | Sarah Escore; Elimar Pinheiro Nascimento |

**Fonte:** LEAL, 2011, p.214.

Após análise dos três itens anteriores a autora se dedica, especialmente, a da exclusão social como enfraquecimento e quebra de laços sociais e traz as seguintes considerações: “Os laços em questão dizem respeito principalmente ao trabalho e também às formas de sociabilidade; de modo derivado da ausência de trabalho, os laços são associados pela bibliografia ao consumo, às redes de proteção social e às possibilidades de participação política” (LEAL, 2011, p.215), o que de fato ajuda a compreender a situação dos catadores em Nova Andradina.

Os catadores de material sólido urbano em Nova Andradina, que representa esses trabalhões a nível Brasil, não têm trabalho e condições de sobrevivência digna, pois precisam vender a sua força de trabalho para viver, mesmo doentes e sem segurança alguma de aposentadoria. Esses catadores têm uma quebra nos laços sociais, devido ao enfraquecimento que a exclusão social proporciona, ou que segundo Martins (1997, p. 32) são excluídos para depois serem incluídos “a sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir”, sendo assim, essa quebra provoca a inclusão desse catador em condições de miséria, sem renda, sem dignidade, sem

segurança. Então, essa exclusão que acontece é para fragilizar o sujeito e inseri-lo em situações em que o próprio sujeito mantém o sistema de produção, devido a sua condição de dependência.

Para melhor entender a dinâmica que cerca os catadores e esse processo de fragilização e exclusão/inclusão, foram realizadas entrevistas. Seguiu-se dois roteiros pré-determinados: um para os catadores autônomos e outro para os integrantes da associação Nova Limpa. No entanto, em muitos contextos, os depoimentos seguiram outro curso e escolheu-se não interferir, pois considerasse que as narrações, as histórias de vida, os anseios e aflições são relevantes para a análise aqui proposta.

## **2.1 A fragilização dos integrantes da associação Nova Limpa e dos catadores autônomos como resultado do desenvolvimento desigual de Nova Andradina**

Os catadores, no Brasil, que não trabalham como autônomos, se organizam em cooperativas e associações. A semelhança entre ambas é que tanto as cooperativas como as associações buscam realizar objetivos comuns a todos e definem as ações coletivamente. No entanto, as associações são voltadas a atividades sociais, enquanto as cooperativas às atividades econômicas. A lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, que define a Política Nacional de Cooperativismo esboça as características das cooperativas:

Art. 4º As cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades pelas seguintes características: I - adesão voluntária, com número ilimitado de associados, salvo impossibilidade técnica de prestação de serviços; II - variabilidade do capital social representado por quotas-partes; III - limitação do número de quotas partes do capital para cada associado, facultado, porém, o estabelecimento de critérios de proporcionalidade, se assim for mais adequado para o cumprimento dos objetivos sociais; IV - inacessibilidade das quotas-partes do capital a terceiros, estranhos à sociedade; V - singularidade de voto, podendo as cooperativas centrais, federações e confederações de cooperativas, com exceção das que exerçam atividade de crédito, optar pelo critério da proporcionalidade; VI - quórum para o funcionamento e deliberação da Assembleia Geral baseado no número de associados e não no capital; VII - retorno das sobras líquidas do exercício, proporcionalmente às operações realizadas pelo associado, salvo deliberação em contrário da Assembleia Geral; VIII - indivisibilidade dos fundos de Reserva e de Assistência Técnica Educacional e Social; IX - neutralidade política e discriminação religiosa, racial e social; X - prestação de assistência aos associados, e, quando previsto nos estatutos, aos empregados da cooperativa; XI - área de

admissão de associados limitada às possibilidades de reunião, controle, operações e prestação de serviços (BRASIL, 1971, art.4).

E, segundo a Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002, que institui o Código Civil, aborda no artigo 53 que as associações se mantêm “pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos. Parágrafo único. Não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocos. ” (BRASIL, 2002, art.53).

Embora as associações são estratégias de fortalecimento dos catadores, em Nova Andradina muitos catadores autônomos não quiseram participar da associação, justificando que seria melhor para o desempenho produtivo o trabalho individual, pois ganham mais vendendo de forma autônoma. Esses catadores consideram, também, que na associação há muitos problemas de relacionamentos e dificuldades técnicas na organização do trabalho. Como é o caso do entrevistado número 04 que relata a dificuldade e os problemas de relacionamento que surgem nas associações. Ressalta-se que por falta de conhecimento entre as diferenças entre cooperativa e associação, a maior parte dos entrevistados sempre se refere à associação como cooperativa, entretanto não há cooperativa em Nova Andradina:

Eu nunca participei de cooperativa. O problema é o seguinte, você tem que lidar com bastante gente. E esse pessoal que trabalha aí é um pessoal assim muito curto. Então você entender o pessoal muito curto é difícil porque eu já lidei com quarenta funcionários lá na cidade. Porque não tinha prensa, era tudo cortado o carro velho e tudo machado, atiradeira e solda elétrica. Então eu lidei com bastante gente lá. E esse povo assim da cooperativa é aquela queixada, uns trabalha, outros não trabalha, se você vai falar acha ruim. Então só vou só criar alguma confusão (ENTREVISTADO NÚMERO 04).

Assim como relatado pelo catador, no excerto acima, sobre os problemas de relacionamentos que há nas associações, Gonçalves (2009) também salienta sobre essas dificuldades, como a de gestão interna e a distribuição das tarefas:

Um dos principais problemas na formação de uma organização de catadores é a gestão interna do trabalho, que consiste na distribuição e realização de tarefas. Relatos dos próprios cooperados mostram que os catadores, acostumados a serem autônomos e não necessitar de disciplina coletiva, têm dificuldade de aceitar ordens impostas por outros (GONÇALVES, 2009).

Além desses problemas relatados, há também a falta de apoio do poder público, com políticas públicas eficientes; o desconhecimento dos catadores em

relação as questões burocráticas desse segmento e a competitividade do capital, que são fatores que essa classe encontra no dia a dia. Thomaz Júnior (2020) também aponta que as consequências de uma competitividade e a concorrência intercapitalista são mais desastrosas e cruéis para quem vive-do-trabalho:

É a partir dos anos 80 que no Brasil se manifestaram os primeiros impulsos do processo de reestruturação produtiva, mas é a partir do início da década seguinte que atingiu nova amplitude e profundidade, momento em que as inovações técnicas e organizacionais assumem um caráter mais sistêmico em todo o circuito produtivo dos diversos setores econômicos. No entanto, guardando traço de semelhança em relação à busca da competitividade do capital e a adoção de novos padrões organizacionais e tecnológicos compatíveis. Nesse percurso, quanto mais aumentam a competitividade e a concorrência intercapitalista, mais desastrosas e cruéis são as consequências para o trabalho, para a classe-que vive-do-trabalho (THOMAZ JÚNIOR, 2020, p. 6).

O autor ainda salienta que é necessário considerar como parte integrante da classe trabalhadora para entender os desdobramentos do complexo da reestruturação produtiva, os trabalhadores que vivem da força do trabalho à precariedade, para permitir compreender “a malha social complexa que reflete a característica principal da organização espacial do nosso tempo. Ou seja, o conteúdo contraditório da luta de classes e os elementos estruturantes da relação capital-trabalho:

o conjunto dos trabalhadores que vivem da sua força de trabalho; b) aqueles que mesmo se garantindo com certa autonomia em relação à inserção no circuito mercantil, como os camelôs; c) os trabalhadores proprietários ou não dos meios de produção e inclusos na informalidade, como as diferentes modalidades do trabalho familiar na agricultura e que são inteiramente subordinados ao mando do capital; d) da mesma forma, os camponeses com pouca terra e que se organizam em bases familiares; e) o conjunto dos trabalhadores que lutam por terra, inclusive os camponeses deterreados, posseiros, meeiros e; f) todos os demais trabalhadores que vivem precariamente junto às suas famílias, da produção e venda de artesanatos, pescadores, etc (THOMAZ JÚNIOR, 2020, p. 9).

A associação dos catadores atuante em Nova Andradina desenvolve as suas atividades em um barracão cedido<sup>3</sup> pela prefeitura, onde, também, os catadores desenvolvem funções diversas, em forma de rodízio, no ato da separação dos

---

<sup>3</sup> O valor do contrato é simbólico: “5.1 O município repassará à Associação o valor global pela presente contratação de RJ 0,01 (um centavo), pago em 1 (uma) parcela no momento da assinatura do contrato, referente ao período de novembro de 2021 a novembro de 2022.” (NOVA ANDRADINA, 2021)

materiais recicláveis: separar, prensar e armazenar os materiais para venda posterior, imagem 07 e 08.

**Imagem 07**– Barracão para depósito de materiais da Associação Nova Limpa



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2022.

**Imagem 08** – Catadores trabalhando na associação Nova Limpa



**Foto:** João Cláudio, 2021.

Como mostra as imagens 07 e 08, o trabalho realizado pela associação acontece nesse depósito. Observa-se que devido à falta de organização e a quantidade de materiais acumulados, o local acaba sendo pequeno para um melhor desenvolvimento das demais atividades. Nota-se, também, que os catadores estão com apenas alguns EPIs, (equipamento de proteção individual), alguns sem máscaras, outros sem óculos e luvas. Por um lado, há uma contradição, pois é melhor do que as condições no antigo lixão, que segundo o entrevistado número 04 *“Era muito perigoso, tinha muito lixo e achava muita coisa”*. Por outro lado, ainda há precariedade, como se vê que os materiais são acumulados de maneira que não há possibilidade nem de se locomover e sem segurança em relação aos equipamentos de segurança.

A falta de organização dos materiais também é percebida por um dos entrevistados ao comparar as condições de trabalho de Nova Andradina com outros lugares, em que a cooperativa é organizada:

Agora se você um dia quiser perder uma passagem e você vê uma cooperativa organizada que os prefeitos lá ganha dinheiro com lixo é Londrina. Lá tem cooperativa organizada e em Manaus. Lá em Manaus você tem uma ideia que o lixo ele cai numa esteira como aqui e ele vai, ele vai sair lá como naqueles barracão deles lá. Só que o caminhão do lixo descarrega aqui de lado e tem uma pessoa sentado, o lixo vai andando naquela esteira assim ó e aquela esteira é toda do lado dela é cheio de ímã. O que foi de agulha pega tudo. Ele pega tudo, não fica nada ali, é duas carreira de cadeira, uma do lado e outra de outro. Um pega só caco de tijolo, pode passar outra coisa. O outro a missão dele é pegar só lata. E as famílias ali vive, tem muitas famílias que vive disso. Aí quando o lixo chega lá na porta aonde ele vai cair ele já cai dentro de um moinho, só que aí o que ele chega lá ele vira esterco, por quê ele já vai sem uma agulha. Ele já vai sem um caco de tijolo, sem pedaço de ferro de tamanho nenhum. Sem vidro. Ele chega lá sem só aquele não presta mais, que só presta pra moer mesmo. E quem tem aqui perto de nós que faz isso aí é Londrina (ENTREVISTADO NÚMERO 03, 2020).

Ainda, segundo o entrevistado 03 há uma falta de organização na distribuição das atividades na associação, o que resulta em desentendimento entre os catadores da associação, pois um trabalha menos que o outro e recebe a mesma renda:

A cooperativa aqui eles pegam o vidro, papel, plástico, latinha, separa tudo aí vende aquela carga. Hoje, uma carga de plástico aí de quatorze mil quilo vai deixar aí uns dezesseis, dezessete mil real. Então aquele dinheiro é repartido para os doze ou treze pessoas, que faz parte da cooperativa. Só que daquele daqueles doze ou treze não é todo mundo que trabalha igual. É esse que é problema, aí ele vai ganhar igual aquele que não trabalha. E se você não pagar ele igual ele quer brigar. Eles se cobram entre eles, mas só que quando cobra acha ruim. O pessoal da prefeitura temajudo eles aí,

construiu barracão, ajuda no transporte deles (ENTREVISTADO NÚMERO 03, 2020).

A má distribuição das atividades entre os catadores é corroborada, também, pela entrevistada número 02 que afirma que alguns catadores trabalham menos e recebem igual:

Eu já recebi convite para poder participar da cooperativa. A cooperativa é um compromisso que tem que ter, tem que estar todo dia lá, o dia inteiro. Hoje para mim não dá, por causa das minhas condições. Eu prefiro assim, do jeito que eu estou trabalhando. O dia que eu não estou bem, eu não vou. O dia que meu irmão não está bem, eu não vou. Então, agora, se eu pego uma coisa fixa, eu vou ter que ser fixa também. É, considerando que lá o pessoal vai dividir o lucro entre todo mundo. Assim, uns trabalha mais, outro trabalha menos. A gente para trabalhar assim, numa associação, tem que trabalhar... Eu vou pegar uma coisa aqui, tem que trabalhar igual, e aí eu já não consigo, é difícil pra mim. Eu não tenho força para pegar um pacote de arroz e a perna não ajuda, o braço piorou então como que eu vou trabalhar? Já trabalhei muito de empregada (ENTREVISTADA NÚMERO 02, 2022).

A falta de máscaras utilizadas pelos catadores, pode provocar riscos à saúde. Vale lembrar que, segundo o contrato, é responsabilidade da associação “Adquirir e disponibilizar de forma adequada, a todos os colaboradores, os equipamentos de proteção individual - EPI's, visando o bem-estar e a preservação da saúde” (NOVA ANDRADINA, 2022), o que mostra que a associação passa por dificuldades em manter o mínimo de segurança aos associados. Nesse sentido, sobre o risco à saúde, Gouveia (2012) salienta:

Há ainda os riscos à saúde para os profissionais mais diretamente envolvidos no manejo dos resíduos, como é o caso do pessoal operacional do setor, o qual, em sua maioria, não conta com medidas mínimas de prevenção e segurança ocupacional. Por exemplo, mesmo a compostagem sendo uma destinação ambientalmente mais correta do que a disposição no solo, ela pode gerar impactos à saúde dos trabalhadores desse setor, como alterações na função pulmonar e contaminação bacteriológica do sistema respiratório<sup>34-36</sup>. A situação se torna mais crítica para indivíduos que trabalham e vivem da recuperação de materiais do lixo, especialmente os catadores de materiais recicláveis, os quais realizam seu trabalho em condições muito insalubres, geralmente sem equipamentos de proteção, resultando em alta probabilidade de adquirir doenças. Alguns problemas relacionados ao trabalho de reciclagem incluem a exposição a metais e substâncias químicas, a agentes infecciosos como o vírus da hepatite B, doenças respiratórias, osteomusculares e lesões por acidentes (GOUVEIA, p.02, 2012).

Esse contexto das dificuldades enfrentadas pela associação, como a falta de EPIs, é ratificado pela fala do presidente da associação, entrevistado número 05:

Os principais desafios são a falta de EPIs, os valores que pagam para dois supermercados da cidade para retirarem os materiais recicláveis e a falta de pelos menos mais um caminhão para ajudar na coleta dos materiais. Nós ficamos, na maioria dos dias, no período vespertino, sem ter muito o que fazer, pois faltam materiais para a realização das atividades (ENTREVISTADO NÚMERO 05).

O presidente da associação ainda acrescenta: “Quase todos os dias recebemos ligações e mensagens de pessoas que querem entrar para trabalhar coma gente. Eu respondo que no momento não tem jeito, pois não tem material o suficiente para aumentar o número de pessoas”. Assim, vê-se que a associação passa por dificuldade e apresenta-se sem autonomia, pois dependem do caminhão terceirizado e que é pouco para suprir a demanda de material tanto da cidade, quanto dos demais catadores que atuam de forma autônoma na cidade, e devido à pouca quantidade que o caminhão consegue recolher, é pouco para atender às necessidades dos catadores e garantir uma renda melhor e digna.

Nesse contexto, de baixa renda, o entrevistado número 01 salienta que prefere ficar autônomo, pois o “lucro”, segundo ele, das vendas autônomas é maior:

O material que catamos a gente vende para a associação Nova Limpa, aquela lá perto do aterro sanitário. O caminhão deles pega aqui. Antigamente eu vendia aqui no Bruno e lá para o Martins. A gente tem que vender onde é que paga um pouquinho mais. Lá na associação eles estão pagando um pouquinho melhor, um pouquinho melhor do que os outros. Eles tinham que pegar uma vez por semana só que como eu estão muito sobrecarregados lá no trabalho daí eles vão vim com quinze dias. Meu material está acumulado aqui aí eles vão vim sábado agora pegar. Eles pagam a gente sempre no dia dez. Conforme eles vende as carga lá paga todo mundo. Quem que faz o pagamento é o Paulo Sérgio, que é o presidente da associação. Já fomos convidados para trabalhar lá na associação, mas não dá certo pra nós, porque o que nós ganha aqui nós não vamos ganhar lá, entendeu. Aqui tem um rendimento melhor aqui. Pra nós que somos catador, já tem mais de vinte anos, nós sabe como é que funciona já fica mais complicado, entendessee. Agora eles lá no trabalho deles, o tanto que eles ganham não sei também porque o meu marido foi um dia só daí já percebeu que não ia dar certo ele já saiu fora, eu sou bem realista assim, e nós como já sabe como mexer a gente já prefere trabalhar do tipo que nós trabalha aqui. É porque lá na associação lá todo mundo tem que trabalhar igual e de repente tem trabalha menos, outro trabalha mais, na hora de receber tem que receber todo mundo igual também (ENTREVISTADO NÚMERO 01, 2022).

Na mesma perspectiva, o entrevistado de número 18 salienta que já trabalhou formalmente em 2020, mas após perder o emprego, procurou na catação uma forma de sobreviver, e não se associa porque trabalhando formalmente consegue ter mais renda que na associação.

A sede da associação, local onde também separa os materiais, está localizada ao lado do aterro sanitário, onde recebe diariamente materiais coletados pelo caminhão da prefeitura. A equipe que trabalha nesse caminhão é composta por trabalhadores contratados por uma empresa terceirizada pela prefeitura, a Transresíduos, empresa responsável pela operacionalização do aterro sanitário, também. O gerente da empresa Marcos, considera que: “A princípio era para os próprios catadores da associação organizarem uma equipe para trabalhar no caminhão, incluindo o motorista, mas eles não conseguem se organizar para isso, e sendo assim achamos melhor ter uma equipe nossa”. Nesse contexto, a associação não tem total autonomia sobre o recebimento da matéria-prima, visto que quem faz todo o trajeto é a prefeitura, por meio de uma empresa terceirizada.

Após o recebimento dos resíduos, acontece a triagem dos resíduos em forma de rodízio entre os catadores da seguinte forma:

**Tabela 04** – Organização do trabalho de catação

| <b>Etapa</b> | <b>Atividade desenvolvida</b>                                  |
|--------------|----------------------------------------------------------------|
| 1ª Etapa     | Descarregamento dos materiais da coleta seletiva               |
| 2ª Etapa     | Direcionamento dos materiais coletados para triagem na esteira |
| 3ª Etapa     | Triagem dos materiais recicláveis na esteira                   |
| 4ª Etapa     | Prensamento dos materiais                                      |
| 5ª Etapa     | Pesagem                                                        |
| 6ª Etapa     | Armazenamento dos materiais para venda posteriormente          |

**Fonte:** elaborada pelo autor com bases nas informações nas entrevistas.

Em relação a quantidade de catadores (imagem 10), na associação Nova Limpa há um total de 07, sendo 02 catadores e 05 catadoras, na faixa etária de 26 a 47 anos. Considerando que em Nova Andradina há em média 50 catadores autônomos, a quantidade de catadores que integrou à associação é 14%, um número baixo, ou seja, se o poder público oferecesse mais condições de infraestrutura e de

equipamentos, tais como mais caminhões fazendo a coleta seletiva e mais equipamentos, haveria oportunidades para novos integrantes.

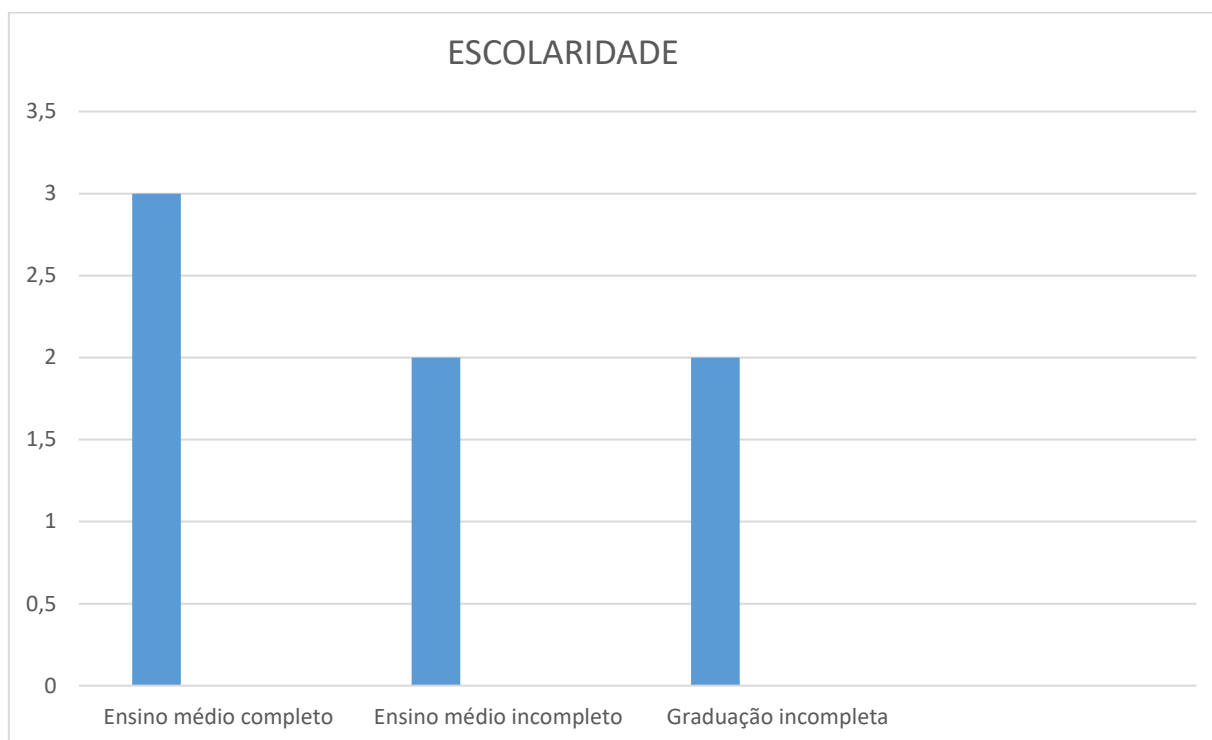
**Imagem 10** – Integrantes da Associação Nova Limpa



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2022.

Em relação à escolaridade dos integrantes da associação, como se verifica no gráfico 01, dos 07 (sete) integrantes da associação, 02 possuem graduação incompleta, 02 não concluíram o ensino médio e 03 concluíram o ensino médio. A escolaridade é um aspecto importante na organização dos catadores, pois verifica-se que não há catadores analfabetos ou com apenas o ensino fundamental em Nova Andradina, o que demonstra que o desenvolvimento desigual da cidade resultou em catadores de recicláveis; na medida em que a cidade desenvolvia de forma desproporcional, o trabalhador se via a frente de desemprego e sem oportunidades no mercado de trabalho formal.

**Gráfico 01** - Grau de escolaridade dos catadores da Associação Nova Limpa



**Fonte:** elaborado pelo autor com base nas informações das entrevistas.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2013), o grau de escolaridade no Brasil dos catadores de recicláveis é baixo e isso é um desafio para o desenvolvimento e sobrevivência do cooperativismo, além do ambiente precário:

É justamente nesse ponto que reside o grande desafio para o desenvolvimento do cooperativismo entre os catadores de material reciclável. Seus integrantes são, de maneira geral, pessoas inseridas em jornadas informais de trabalho, com baixa escolaridade, e convivem em um ambiente de múltiplas precariedades. Tais dificuldades levam os catadores a buscar soluções imediatas de resolução de suas carências individuais e familiares, e, conseqüentemente, não dispõem desse tempo necessário para a consolidação de um empreendimento cooperativo. Por isso, torna-se fundamental observar que a condição social dos catadores implica a emergência da obtenção de renda para as famílias envolvidas (IPEA, 2013, p. 21)

Outro aspecto importante ressaltado na caracterização dos catadores é a renda dos catadores entrevistados que é baseada conforme os materiais que a associação recolhe e o valor comercializado, tabela 05.

**Tabela 05** - Materiais recicláveis coletados e preços de venda praticados pela Associação de Catadores Nova Limpa em Nova Andradina em 2022.

| <b>Tipo de material reciclável</b> | <b>Preço de venda (R\$/kg)</b> |
|------------------------------------|--------------------------------|
| Cobre                              | 9,00                           |
| Metal                              | 4,00                           |
| Alumínio                           | 2,50                           |
| Plástico                           | 0,5                            |
| Papel                              | 0,15                           |
| Vidro                              | 0,005                          |

**Fonte:** elaborado pelo autor com base nas informações das entrevistas.

Conforme mostra a tabela 05, o material que mais se paga é o cobre, justamente pela escassez, enquanto o papel e o vidro são os de valor mais baixo. Esses materiais são recolhidos e separados na sede da associação e a cada 30 ou 40 dias a empresa Transresíduos recolhe os materiais separados e prensados para a venda. Somente neste momento que os catadores recebem os devidos pagamentos pelo trabalho desenvolvido. O valor recebido pelos catadores está entre R\$900,00 a R\$1.200 reais por mês. Quando precisam de dinheiro e ainda não foi feita a venda, a associação pede emprestado e assim faz os devidos acertos na entrega dos materiais.

Segundo Rodrigues (2018, p.143) “Cabe destacar que o “lixo” mercadoria tem o preço definido pelo mercado comprador (e não pelo mercado ‘vendedor’).” Dessa forma, em seus depósitos vão acumulando os materiais prensando-os em fardos, até conseguirem uma quantidade que viabilize o transporte para as indústrias de reciclagem. Um dia de trabalho rende em média aos catadores de 30 a 40 reais. A acumulação de materiais prensados para viabilização do transporte é notada na imagem 11.

**Imagem 11** – Materiais prensados e acumulados para venda



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2023.

Em relação ao preço do papel, alguns catadores informaram que o preço diminuiu muito, pois antes era 0,50 centavos e agora está em média de 0,10 a 0,15 centavos. O catador de número 17 salienta “hoje a cidade está mais suja, muito papelão acumulado nas vias porque não tem muito catador, muitos desistiram por causa do preço que compram de nós, era 0,50 centavos e agora está 0,10” (CATADOR NÚMERO 17). Essa informação, confirma-se na imagem 10 e 11, que mostra alguns contêineres, instalados na cidade como ponto de coleta, com muitos materiais recicláveis acumulados.

**Imagem 12 e 13 – Contêiner nas vias públicas de Nova Andradina**



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2023.

**Imagem 13**



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2023.

Dessa forma, constata-se que o catador é o principal sujeito da cadeia produtiva da indústria da reciclagem, já que sem esse trabalhador, pouco seria recolhido e as

empresas não lucrariam. A prefeitura não dispõe, por exemplo, de mais trabalhadores para fazer a coleta e consequentemente mais caminhões, pois assim aumentaria as despesas públicas. Dessa forma, o catador é a força do trabalho para que esse material chegue a indústria da reciclagem, que é lucrativa, pois diminui-se o valor de venda, e para o catador sobreviver, precisa trabalhar mais ainda para garantir o sustento da família.

Mesmo com a crise financeira entre 2008 e 2009, os mais afetados na indústria da reciclagem foram os catadores, pois houve uma queda no preço de comercialização dos materiais recicláveis. Segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2009, p.21) “a indústria de modo geral efetuou cortes, transferindo-os para os preços pagos pelos recicláveis e prejudicando apenas os catadores”. A queda, em relação aos preços dos recicláveis a nível Brasil, conforme o MNCR, em comparação a 2008 e 2009, é de 62%, em média, conforme excerto abaixo:

O preço do quilo do plástico, por exemplo, caiu de R\$ 1,00 para R\$ 0,60, e o do plástico de garrafas pet, de R\$ 1,20 para R\$ 0,35. Entre setembro de 2008 e janeiro de 2009, o preço do quilo de papelão especial reduziu-se de R\$ 0,47 para R\$ 0,12; do papelão fino, de R\$ 0,37 para R\$ 0,10; do jornal, de R\$ 0,27 para R\$ 0,08; do papel misturado, de R\$ 0,15 para R\$ 0,01; e do papel branco, de R\$ 0,47 para R\$ 0,30. Em São Paulo, o ferro, que em setembro de 2008 custava R\$ 0,42 o quilo, em novembro do mesmo ano encontrava-se a R\$ 0,16 (MNCR, 2009, P.22).

Ainda, de acordo o MNCR (2009) os catadores abastecem a indústria da reciclagem no Brasil e são a ponta de uma cadeia produtiva e injusta, conhecida como cadeia produtiva suja. Em alguns casos, os catadores vivem em trabalhos análogos à escravidão:

Mas, sem dúvida, quem mais sofreu com a crise foram os catadores de materiais recicláveis, a ponta de uma cadeia produtiva injusta, conhecida como cadeia produtiva suja – um sistema de produção que é sustentado pelo trabalho precarizado de catadores que exercem a atividade sem qualquer vínculo empregatício. Eles vendem materiais recicláveis para ferros-velhos pequenos e médios, e até para redes de comércio de sucata. Além do trabalho em condições precárias, há casos de trabalhos análogos à escravidão, servidão por dívida, aluguel de carroças e trabalho infantil. São situações que violam os direitos humanos dos catadores, um dilema moral do setor da reciclagem que, no Brasil, apesar de ser considerado um dos maiores do mundo, ainda é mantido pela exploração destes trabalhadores. A indústria da reciclagem no Brasil é abastecida por bolsões de miséria espalhados por todo o país (MNCR, 2009, P.21).

Na imagem 14, nota-se um grande volume de materiais armazenados para recolhimento das empresas recicladoras: a sobrevivência dos catadores, nesse contexto, está intimamente ligada a fonte de lucro dos que compram, já que o preço de venda é menor em relação ao de compra.

**Imagem 14** – Materiais armazenados para processamento e venda



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2023.

Nas imagens 15 e 16, os materiais prensados e armazenados pela associação Nova Limpa são recolhidos para compra. É nesse momento em que os catadores associados são pagos pelo trabalho. Vale lembrar que, em depoimentos anteriores com os integrantes da associação, essa venda acontece entre 30 a 40 dias. Com o exposto até aqui, infere-se que esse tempo entre uma venda e outra é devido à falta de mão de obra para a catação dos materiais recicláveis, pois é necessário que se junte bastante material para que as empresas compradoras não tenham “prejuízo” com o transporte. Mais uma vez, são os catadores que arcam com os prejuízos, ficando sem renda por longos períodos e sendo necessário pegar empréstimos para poderem se alimentar.

**Imagem 15 e 16 - Materiais recicláveis sendo recolhidos para compra**



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2023.

**Imagem 16**



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2023.

Nesta perspectiva da comercialização dos materiais recicláveis, Rodrigues (2018, p. 191) salienta que é uma das situações em que se deve considerar a “ponta

do Iceberg que demonstra uma (re) descoberta da metáfora espacial do atual período moderno (ou pós-moderno). ” Segundo a autora, a sobrevivência dos trabalhadores está condicionada a fonte de lucro das empresas encarregadas pela venda e revenda desses materiais de recicláveis:

Uma atividade antiga, a coleta (de porta em porta) de materiais, é fonte de sobrevivência. Trata-se dos coletores e catadores de rua, que vivem do dinheiro obtido na venda resultante da coleta destes resíduos. Trata-se, também, da sobrevivência dos trabalhadores da coleta de lixo que vendem sua força de trabalho para as empresas encarregadas da coleta do lixo (reciclável ou não). Porém, para os proprietários das empresas que (re) transformam estes materiais, e para os que ‘ (re) coletam ‘o material e o revendem, é fonte de lucro, pois o ‘preço’ de compra dos resíduos é menor do que a compra de matérias primas. Mas esta ‘mercadoria’ é simbolicamente considerada nos meios de comunicação apenas como uma atividade ‘economizadora’ de recursos naturais, visando o bem comum (RODRIGUES, 2018, p. 191).

As decisões a serem tomadas pela associação passam pela avaliação de todos os integrantes ou pelo menos da maioria. Sendo assim, o presidente da associação afirma: “Não temos nenhum problema em relação a organização e o desenvolvimento das atividades. Tudo é feito com muita transparência”. No entanto, como observado até aqui, tanto pela fala dos entrevistados, como pela fala do próprio presidente, a associação enfrenta problemas financeiros para se manter e garantir uma renda e condições dignas aos catadores.

A jornada diária de trabalho dos catadores de materiais recicláveis que atuam na associação é em torno de 6 a 7 horas. As refeições são feitas no mesmo local de trabalho, em um ambiente adaptado para preparar e esquentar os alimentos. Os próprios catadores que preparam as refeições. Todos moram na zona urbana, a uma distância aproximada de 8 km do local de trabalho, para chegar até o barracão, onde desenvolvem as atividades, e depois voltarem para suas casas. Os catadores são transportados por uma van, sob a responsabilidade da empresa Transresíduos, a mesma responsável pelo recolhimento da coleta seletiva.

O número de mulheres predomina nas atividades da Associação Nova Limpa (imagem 16 e 17), embora segundo o IPEA (2013, p.48), no Brasil “O sexo masculino é predominante entre as pessoas que exercem a atividade de coleta e reciclagem de resíduos sólidos no país”. Neste contexto, em relação as catadoras, pretende-se, como desdobramento desta pesquisa, desenvolver ações que possibilitem promover

a conscientização a respeito de como se dá essa predominância feminina nas atividades e o que significa uma Organização de Coleta Seletiva e como se dará a participação delas nesse processo, procurando demonstrar que a finalidade é a instituição de uma alternativa de organização do trabalho, melhorar as condições da inclusão das catadoras no circuito econômico dos materiais recicláveis e proporcionar condições de progresso econômico, igualitário, social e ambiental.

**Imagem 17 e 18 – Catadoras trabalhando no barracão Associação Nova Limpa**



Foto: autor, pesquisa de campo, 2022.

**Imagem 18**



Foto: autor, pesquisa de campo, 2022.

Quanto aos materiais coletados pela Empresa Transresíduos e destinados ao barracão onde funciona a Associação de Catadores Nova Limpa, foi possível identificar o padrão médio diário do quantitativo de materiais coletados, ou seja, o total de materiais coletado em um dia de trabalho, chegando na média de 1.300 kg e apenas um único veículo realizando a coleta.

Segundo os trabalhadores da associação Nova Limpa, os materiais não são o suficiente para trabalharem durante todo o dia, em todos os dias úteis do mês, o que demonstra que é necessário mais investimento e apoio do poder público, pois conforme o entrevistado número 18, “há muito material para ser recolhido nas ruas, a cidade está ficando mais suja” (ENTREVISTADO NÚMERO 18). Na visão dos catadores da associação, o ideal seria pelo menos mais um caminhão em operação diariamente, como observa-se na tabela 06 que apenas um veículo fez a coleta dos materiais.

**Tabela 06** – Coleta seletiva no mês de dezembro de 2021.

| Mês | Data | Peso entrada<br>(kg) | Peso saída<br>(kg) | Placa | Peso<br>líquido (kg) |
|-----|------|----------------------|--------------------|-------|----------------------|
|     |      |                      |                    |       |                      |

|     |            |      |      |         |           |
|-----|------------|------|------|---------|-----------|
| dez | 06/12/2021 | 8230 | 7320 | AZN7634 | 910,00    |
| dez | 17/12/2021 | 8300 | 7350 | AZN7634 | 950,00    |
| dez | 22/12/2021 | 7990 | 7430 | AZN7634 | 560,00    |
| dez | 03/12/2021 | 8430 | 7360 | AZN7634 | 1.070,00  |
| dez | 08/12/2021 | 8180 | 7280 | AZN7634 | 900,00    |
| dez | 13/12/2021 | 8890 | 7380 | AZN7634 | 1.510,00  |
| dez | 02/12/2021 | 8650 | 7350 | AZN7634 | 1.300,00  |
| dez | 30/12/2021 | 8690 | 7340 | AZN7634 | 1.350,00  |
| dez | 16/12/2021 | 8560 | 7370 | AZN7634 | 1.190,00  |
| dez | 27/12/2021 | 9020 | 7390 | AZN7634 | 1.630,00  |
| dez | 20/12/2021 | 9220 | 7320 | AZN7634 | 1.900,00  |
| dez | 15/12/2021 | 8510 | 7410 | AZN7634 | 1.100,00  |
| dez | 07/12/2021 | 9070 | 7330 | AZN7634 | 1.740,00  |
| dez | 06/12/2021 | 8000 | 7320 | AZN7634 | 680,00    |
| dez | 21/12/2021 | 8820 | 7300 | AZN7634 | 1.520,00  |
| dez | 23/12/2021 | 8710 | 7430 | AZN7634 | 1.280,00  |
| dez | 29/12/2021 | 8720 | 7320 | AZN763  | 1.400,00  |
| dez | 28/12/2021 | 9110 | 7400 | AZN7634 | 1.710,00  |
| dez | 01/12/2021 | 8390 | 7370 | AZN7634 | 1.020,00  |
| dez | 09/12/2021 | 8660 | 7470 | AZN7634 | 1.190,00  |
| dez | 11/12/2021 | 7620 | 7410 | AZN7634 | 210,00    |
| dez | 14/12/2021 | 8850 | 7400 | AZN7634 | 1.450,00  |
| dez | 10/12/2021 | 8500 | 7410 | AZN7634 | 1.090,00  |
|     |            |      |      |         | 27.660,00 |

**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal, 2022.

Esses dados são registrados diariamente na balança, na entrada e na saída do caminhão baú. A tabela 06 apresenta os números referente a coleta seletiva durante o mês de dezembro de 2021. A média mensal da coleta seletiva influencia diretamente nas atividades dos catadores, considerando que a remuneração de cada integrante da associação depende da produção diária de todos os envolvidos, uma vez que o lucro total é dividido entre os trabalhadores.

A tabela 07 mostra o segundo semestre de 2021 e a progressão do consumo até dezembro.

**Tabela 07**– Dados da coleta seletiva do segundo semestre de 2021.

| <b>MÊS</b> | <b>TOTAL POR MÊS RECICLÁVEIS (KG)</b> |
|------------|---------------------------------------|
| JUL        | <b>23.180,00</b>                      |
| AGO        | <b>26.030,00</b>                      |
| SET        | <b>22.910,00</b>                      |
| OUT        | <b>24.320,00</b>                      |
| NOV        | <b>23.600,00</b>                      |
| DEZ        | <b>27.660,00</b>                      |
| Total      | <b>147.700,00</b>                     |

**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal

A tabela 07, com os números referente ao segundo semestre de 2021, apresenta dados que permitem a comparação com os meses de julho a dezembro. Verifica-se um aumento quantitativo de materiais coletados no mês de dezembro, em relação aos outros. Uma explicação para a diferença é o consumismo, ou seja, a proximidade do final do ano e as festividades aumentam consideravelmente as vendas e o movimento no comércio. Sendo assim, nas palavras do presidente da Associação de Catadores Nova Limpa: “É o período do ano que conseguimos uma melhor remuneração, pois chega muito mais papelão, plástico, garrafas e outras coisas”. Entretanto, o catador precisa trabalhar bem mais para que se tenha um pouco mais de renda.

Dessa forma, há um processo concomitante e contraditório, uma vez que a melhoria da vida dos catadores, relativamente, está ligada diretamente proporcional ao aumento do consumismo, assim como Rodrigues (1998), também aponta. Cabe lembrar que Rodrigues (1998) tece reflexões a respeito da responsabilização do modo industrial de produzir, já que as campanhas de conscientização têm colocado essa “culpa” do consumo exagerado apenas no consumidor e deixando isento quem produz:

Parece que o responsável pela poluição e pelo aumento da temperatura – efeito estufa – é o automóvel em si, ou seu proprietário, e não a produção de mercadorias, o desenvolvimento científico tecnológico que “criou” o automóvel. Parece, também, que o desenvolvimento científico-tecnológico não faz parte da produção socio espacial. Embora já esteja demonstrado, em larga medida, que a produção de mercadorias e a produção da segunda natureza sejam “responsabilidade” do modo industrial de produzir, esta está simbolicamente deslocada para os indivíduos consumidores (RODRIGUES, 1998, p. 41)

A tabela 08 apresenta o quantitativo de recicláveis coletados no primeiro semestre de 2022, caracterizando um reflexo da influência comercial na produção de materiais descartáveis. Em dezembro de 2021 o total de volume da coleta seletiva é de 27.660,00. Já em 2022 em janeiro o volume é de 25.630,00 e fevereiro 24.630,00, mostrando assim a queda no arrecadamento dos materiais recicláveis e consequentemente ao salário do catador.

**Tabela 08** – Volume da coleta seletiva - primeiro semestre/2022.

| <b>MÊS</b> | <b>TOTAL POR MÊS RECICLÁVEIS (KG)</b> |
|------------|---------------------------------------|
| JAN        | <b>25.630,00</b>                      |
| FEV        | <b>24.610,00</b>                      |
| MAR        | <b>25.410,00</b>                      |
| ABR        | <b>21.980,00</b>                      |
| MAI        | <b>24.520,00</b>                      |
| JUN        | <b>24.050,00</b>                      |
|            | <b>146.200,00</b>                     |

**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal

Nesse período de janeiro a junho de 2022, tabela 08, aumenta as dificuldades dos catadores, pois a produção, como já foi dito anteriormente, diminui bastante e consequentemente reflete na remuneração de cada um dos trabalhadores.

De acordo com os dados do relatório da empresa Transresíduos, apresentados para essa análise, responsável pela operacionalização do aterro sanitário, bem como das informações da associação, os resíduos orgânicos e os materiais recicláveis têm aumentado muito nos últimos anos. Porém, para a coleta seletiva, além de ser

necessário a ampliação do número de catadores e pelo menos mais um caminhão, o resultado, também depende da colaboração e o engajamento cada vez maior da população, no ato de separar os materiais.

Apesar da quantidade expressiva de materiais sendo separados e destinados corretamente pela população, há muitos moradores e empresários que não estão destinando corretamente os materiais<sup>4</sup>, misturando resíduos orgânicos com material reciclável, sendo que após este resíduo estar misturado e destinado para o aterro, o resíduo não passará por outro processo de triagem, indo diretamente para a destinação final.

Os entrevistados relataram que a população ainda desconhece a programação da coleta seletiva nos bairros ou não deixa os produtos reutilizáveis em sacola/local visível. Estes materiais acabam sendo coletados pelos garis da Prefeitura e não poderão ser aproveitados, já que o material é “prensado” junto a outros resíduos orgânicos (como restos de comida, papel higiênico, etc....). Por isso, é tão importante aumentar também a conscientização da população em relação a separação dos materiais nas residências, segundo os catadores.

No trabalho de campo foi possível identificar pelo menos quatro pequenas empresas de reciclagem organizadas em Nova Andradina, sendo elas Ws Reciclagem, Sucata Martinho, Campiteli Ambiental e Reciclagem Santa Amália. Fez-se um recorte e apenas o dono da empresa Santa Amália foi entrevistado. Vale ressaltar que é referido a empresa por serem pessoas autônomas com firma registradas no MEI (Microempreendedor Individual), pois são registrados como autônomos individuais.

A empresa de reciclagem Santa Amália, tem como proprietário um senhor, entrevistado número 03, viúvo, com idade de 74 anos, catador de material reciclável, que relatou que está atuando na catação de material reciclável há mais de 4 décadas:

Tenho quase setenta e cinco anos e nunca dei um prego pra ninguém. Somos em sete irmãos, desse sete irmão o mais burro sou eu porque o meu irmão mais velho ele é advogado já até é aposentado. Tem um outro que morreu de dessa febre agora, da covid lá em Marabá, no Pará. Que ele que ia montar esse frigorífico que é dos Andrade aqui. O outro meu irmão que é o que está continuando com ferro velho lá em Marabá. Ah tá. E o outro que morreu já mexia com o frigorífico e é o que eu mexia também, que desde criança quando eu nasci encontrei meu pai mexendo com bêbado, gordo, alejado. Era ferro velho. Só ferro velho. É que aquela época não reciclava nada. A

---

<sup>4</sup> Informação dada por alguns entrevistados em conversas informais.

única coisa que reciclava e prestava era lata que vinha óleo e lá tinha bastante (ENTREVISTADO NÚMERO 03, 2020).

Atualmente o catador se encontra instalado próximo a associação Nova Limpa e o aterro sanitário, em uma moradia muito precária, como mostra a imagem 18, em uma área cedida pela prefeitura. Ele recolhe e recebe materiais recicláveis da zona urbana e rural do município de Nova Andradina e revende para atravessadores. Já estava instalado neste mesmo local quando ainda era o antigo lixão, no ano de 2018.

**Imagem 19** – Catador e proprietário da empresa de reciclagem Santa Amália



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2022.

Até o ano de 2018, data que o lixão foi desativado, o entrevistado número 03, também era catador de materiais recicláveis no local. Era uma prática desenvolvida por muitos catadores. Muitas famílias viviam dos resultados deste trabalho. Quando foi oficializado que os catadores não poderiam mais coletar materiais naquele local, muitos não quiseram sair de lá, havendo a necessidade de intervenção da segurança pública e Ministério Público. O entrevistado número 03 narra que foi cedido um terreno pela prefeitura para que ele saísse de lá:

Agora está muito fraco porque eu estou sem as prensa né. Estou dependendo desse negócio da prensa. Estou aqui nessa área, que foi uma doação da prefeitura, desde dois mil e treze. Agora no ano que vem faz dez anos. É. No meu caso aqui a prefeitura fez uma doação. A doação foi pra me tirar de lá.

Eu morava e tinha minhas coisas lá onde é o ginásio de esporte e eu tive que desocupar pra poder fazer o ginásio. Porque quando eu ocupei ele ficou dez anos na minha mão. Eu fui lá em São Paulo falar com o seu Raul, era o gerente geral do Moura Andrade aí ele falou pra mim agora que nós precisa o senhor precisa desocupa. Aí ficou na minha mão. Aí quando me avisaram já estava vindo a companhia pra bater estaca lá. Aí eu fui tirar os carro velho nas carreira, aí amontoou bastante na beira das calçadas. Aí foi na época que entrou o prefeito Migliorini (ENTREVISTADO NÚMERO 03).

Uma outra questão abordada com os catadores da associação Nova Limpa foi a de tentar entender o porquê esses trabalhadores estão vinculados à associação mesmo com todas as dificuldades relatadas por eles: o longo prazo sem pagamento, a falta de condições para executarem o trabalho o que pode interferir na saúde, a baixa renda, o preconceito que sofrem por trabalharem com o lixo e o processo de exclusão social. Os catadores foram unânimes ao responder que fazem parte da associação porque além de não ter oportunidades de emprego em outros lugares, o que ganham ali é garantido, mesmo que seja pouco, além de que o trabalho ali é menos cansativo do que o de catação nas ruas.

Assim, fica evidente que esses catadores que atuam na associação Nova Limpa estão fragilizados e são excluídos do mercado de trabalho pelo sistema capitalista, para depois ser incluído em um sistema de mão-de-obra barata, já que não restam alternativas para sobrevivência, a não ser catar e viver do lixo em condições precárias. Conforme Martins (1997) os trabalhos, de certa forma, apresentam-se como resposta ao desemprego e tornam-se cada vez mais precarizados, como é o caso dos catadores da Associação que trabalhavam formalmente e que devido ao desemprego, aceitam o trabalho no “lixo” para sobreviver, em condições degradantes. A alternativa de estar em um trabalho precário, em vez de ser provisória, torna-se um modo de vida.

Além dos catadores da associação Nova Limpa, os catadores autônomos que atuam nas ruas de Nova Andradina, também passam pelo processo de fragilização (generalizante e não se sabe o que é fragilização, no entanto em um contexto diferente. Enquanto os associados se prendem à associação na certeza de ter uma renda garantida, os autônomos nas ruas, sofrem com o medo do incerto: terão condições de se alimentarem? Terão condições de se tratarem, caso fiquem doentes? Como vão se aposentar, já que não estão formalizados? São homens e mulheres, com idades diferentes, marcados por diversos acontecimentos durante a jornada de anos, puxando ou empurrando seus carrinhos pelas ruas da cidade. Esses catadores, atuam em diversos pontos, em horários alternativos durante o dia e a noite,

considerando os tipos de materiais que coletam. Os materiais recolhidos em residências, fábricas, lojas, supermercados e outros, são vendidos para as empresas que estão instaladas na cidade.

A maioria dos catadores que atuam nas ruas possuem um combinado com as empresas de reciclagem, onde estão pré-fixados os preços dos materiais coletados e quando chegam até as empresas para entregarem os produtos os proprietários recebem, pesam e efetuam os respectivos pagamentos. Como relata a entrevistada 02, a forma que ela vende a mercadoria:

Eu sou assim, eu sou liberada pra vender pra onde eu quiser. A gente não tá devendo pro comprador, a gente pode vender para quem paga mais. Mas por enquanto eu estou vendendo pro Bruno aqui vizinho, o Bruno Reciclagem. Vendo pro Bruno e agora tô querendo começar a vender pra cooperativa. A Cooperativa lá perto do aterro, porque eles estão pagando melhor e da mais assistência pra gente. Dizem que eles é bom de negociar, eu nunca vendi pra eles ainda, eu só vendo pro Bruno porque quando eu preciso dum dinheiro para energia com uma coisa assim eu vou lá ele me arruma emprestado. Já que chegou a emprestar até oitocentos reais. Nossa, é muito gente boa eles. Então às vezes por um centavo, dois centavo eu prefiro vender pra ele do que sair fora dele. A última vez que eu vendi pra ele, vendi a vinte centavos o quilo do papelão. Aí diz que agora está vinte e cinco. Eu não sei porque ainda não vendi esse mês ainda (ENTREVISTA NÚMERO 02).

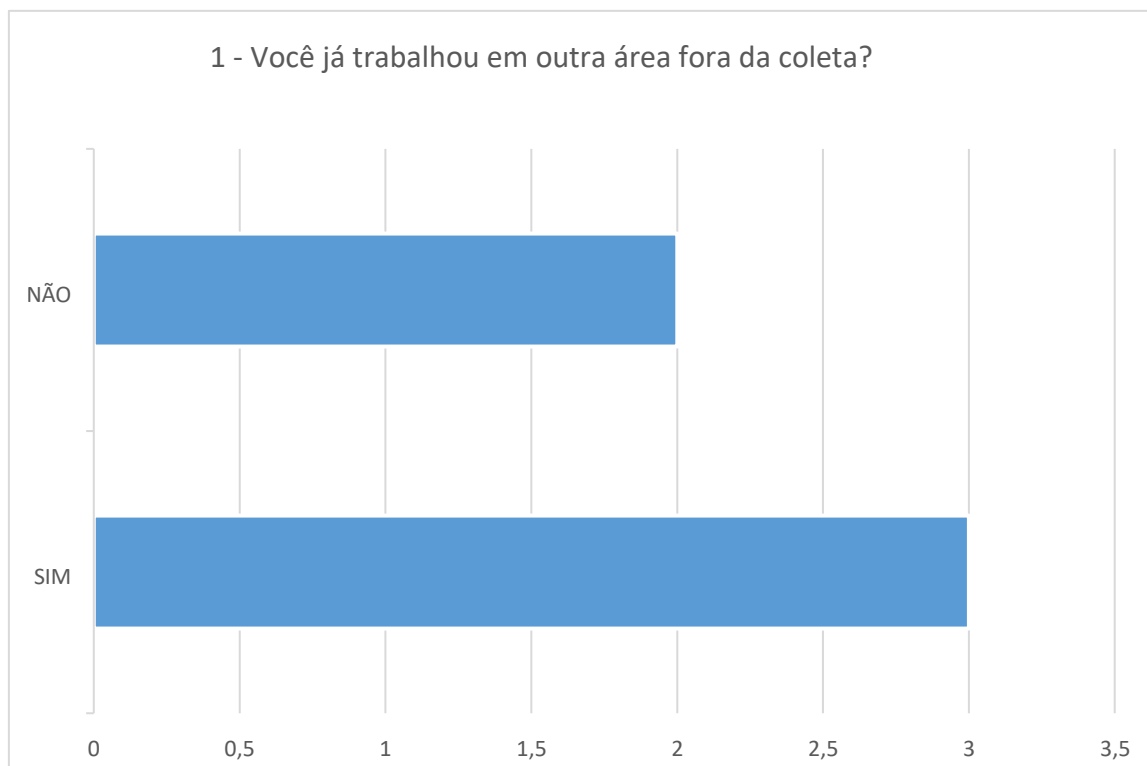
Não foi possível levantar precisamente quantos catadores atuam nas ruas de Nova Andradina, mas baseado em informações coletadas das empresas de reciclagem, da associação Nova Limpa e alguns catadores, são em média de 50 homens e mulheres, em alguns casos famílias que vivem exclusivamente desta atividade. Assim, levando em conta o contexto de degradação das condições e relações de trabalho, bem como o aumento do desemprego aberto, elencados por Leal (2011), e abordados anteriormente, os catadores que atuam na cidade de Nova Andradina, segundo a análise, são excluídos socialmente devido a essa degradação das condições e relações de trabalho. Essa situação de exclusão/inclusão foi evidenciada com os catadores da associação Nova Limpa, tratado anteriormente e que se repete aos autônomos também.

Por meio das falas dos catadores e por todo o contexto analisado, nota-se que esses trabalhadores estão com medo de não terem o seu sustento, sentem-se desmotivados e sem perspectiva de uma melhoria de vida. As perguntas do roteiro que envolviam como a sociedade vê o trabalho da catação e sobre a discriminação que sofrem, por exemplo, foram respondidas por apenas dois catadores. Os catadores

entravam em outro assunto e não acabavam respondendo. Isso, leva a entender que não é um assunto em que os autônomos sentem confortáveis em abordar.

Para cada entrevistado, foi perguntado, na entrevista, se já havia trabalhado fora da área da reciclagem e dos 5 (cinco) entrevistados, 2 (dois) responderam que não, gráfico 02.

**Gráfico 02 – Trabalho fora da área da reciclagem**



**Fonte:** pesquisa de campo, 2023

É importante destacar que esses dois catadores que responderam que não trabalharam em outra área fora da coleta sempre tiveram a catação como renda, como o caso da entrevistada número 01 que desde pequena catava com os pais e o caso do entrevistado número 03 que começou com ferro velho desde pequeno já que “aquela época não reciclava nada. A única coisa que reciclava e prestava era lata que vinha óleo e lá tinha bastante.” (ENTREVISTADO NÚMERO 03).

Desse modo, em alguns casos, a catação é o meio de sobrevivência da família e que as dificuldades vivenciadas pelos pais, passam para os filhos. Outro exemplo é a entrevista número 02 que trabalhava juntamente com a filha:

Trabalho com reciclagem tem uns dois anos. Antes era minha filha, aí ela parou, que ela teve um bebê e o bebê dela é autista. Aí tirou todo o tempo dela, aí ela passou pra mim todos os lugares que ela pegava. Mas já tem mais ou menos uns quatro ano que a gente trabalha nessa barra juntas. Aí ela parou e eu continuo, ela hoje não cata mais, não volta mais. É porque a criança dela não dá trégua nem pra comer direito (ENTREVISTADA NÚMERO 02).

É importante destacar que são condições de dificuldades principalmente das mulheres quando têm filhos a catação e a sua sobrevivência. É um dilema para elas, pois precisam garantir o sustento, mas ao mesmo tempo sentem a dificuldade ou de trabalharem e deixar os filhos em casa sozinhos, ou de exporem aos desafios enfrentados nas ruas, seja pelo trabalho que é cansativo, seja pela discriminação social.

De acordo com o relatório situacional Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável do Brasil “Em geral, as mulheres são as principais responsáveis, por exemplo, pelo cuidado das crianças e dos idosos que residem em seus lares” (IPEA, 2013, p. 48) o que resulta em uma participação menor das catadores nas atividades. Embora em Nova Andradina as mulheres são maioria, no Brasil “o sexo masculino é predominante entre as pessoas que exercem a atividade de coleta e reciclagem de resíduos sólidos no país, com 68,9% contra 31,1% das mulheres. (IPEA, 2013, p.48) ”.

Em relação às áreas que os catadores já tenham trabalhado e por quanto tempo tem exercidos essas funções, foram respondidos o seguinte:

**Tabela 10** – Campo de Atuação Profissional dos Trabalhadores da Associação

| <b>Entrevistado</b> | <b>Atuação além da catação</b>                                            |
|---------------------|---------------------------------------------------------------------------|
| Número 01           | Não teve                                                                  |
| Número 02           | Frigorífico, casa de família, restaurante, lavadeira de roupa, doméstica. |
| Número 03           | Não teve                                                                  |
| Número 04           | Serviços gerais registrado                                                |
| Número 07           | Serviços gerais informal                                                  |

**Fonte:** elaborado pelo autor com base nas informações das entrevistas.

Pelos dados expostos na tabela 10, alguns catadores faziam trabalhos autônomos, conforme entrevistados número 02, 04 e 07, e outros trabalharam de carteira assinada como os entrevistados número 02 e 04, ora na formalidade, ora na informalidade. Consoante IPEA (2017) “Apesar de desenvolver um trabalho que tem um papel socioambiental importante para as cidades, historicamente, a atividade de catação é realizada a partir de relações informais, o que restringe o acesso dos catadores a uma série de direitos trabalhistas”.

Os entrevistados 04 e 02 relataram que trabalharam formalmente com registro na carteira, mas, também fizeram outros trabalhos informais em grande parte da vida, evidenciando que parte dos trabalhadores, que eles representam, sempre esteve na informalidade mostrando o desenvolvimento desigual de Nova Andradina, que de um lado gera empregos, empresas e riquezas e do outro exclusão e desemprego.

Assim, o trabalho de catação significou para alguns a primeira atividade informal após longo período de desemprego ou de problemas de saúde, o que tem impedido desses trabalhadores voltarem ao mercado de trabalho formal. Os entrevistados de número 02 e 04 relatam sobre as atividades que exerciam antes da catação:

Estou com cinquenta anos. Tenho mais de trinta anos aqui em Nova Andradina. Eu trabalhei muito tempo registrado, né, aí quando eu quebrei esse braço, depois de um trabalho pesado eu comecei a catar. Ta com onze anos que cato os materiais na rua. Antes eu mexia assim na roça, lavoura. Aí depois de sai fui trabalhar de pedreiro com o Toninho Poços. Aí depois eu saí, caí, quebrei o braço, agora não trabalho mais. Aí eu pra não ficar roubando coisa precisei inventar alguma coisa, aí eu comecei a catar o material de manhã e à tarde aqui (ENTREVISTADO NÚMERO 04).

Trabalhei no frigorifico Independência, trabalhei em casa de família em restaurante, em bastante lugar de lavadeira de roupa. Para a dona da loja Maringá trabalhei muito, trabalhei um monte de tempo e aí hoje eu faço meu serviço de casa na marra tem dia que eu faço, tem dia que eu não aguento fazer. Vou para rua catar sozinha e dirigindo, seis e meia e depois é 11 e meia, meio dia e depois na boquinha da noite, aí meu marido vai comigo vai comigo. Vou meio dia, porque assim, quase ninguém vai aí eu não espero, aí eu vou na avenida, ando no bairro (ENTREVISTADA NÚMERO 02).

Para Thomaz Júnior (2000) em *Reflexões introdutórias* sobre a questão ambiental para o trabalho e para o movimento operário nesse final de século, a informalidade do trabalho aumentou a partir dos anos 1980 e está vinculada às novas formas de organização da produção:

De todo modo, chama atenção a profunda reformulação que ocorre no âmbito do trabalho. Do trabalho domiciliar (mediante a vigorosa extensão da retificação a todos os planos da vida humana, juntando no mesmo espaço de relações exploração e dominação), à camelotagem (dimensão plural da extrema fluidez da garantia da sobrevivência), passando por todas as demais formas de expressão do trabalho informal, percebemos que a informalidade não só se complexificou, mas ampliou sua esfera de abrangência e se encontra vinculada às novas formas de organização da produção (THOMAZ JÚNIOR, 2020, p. 6).

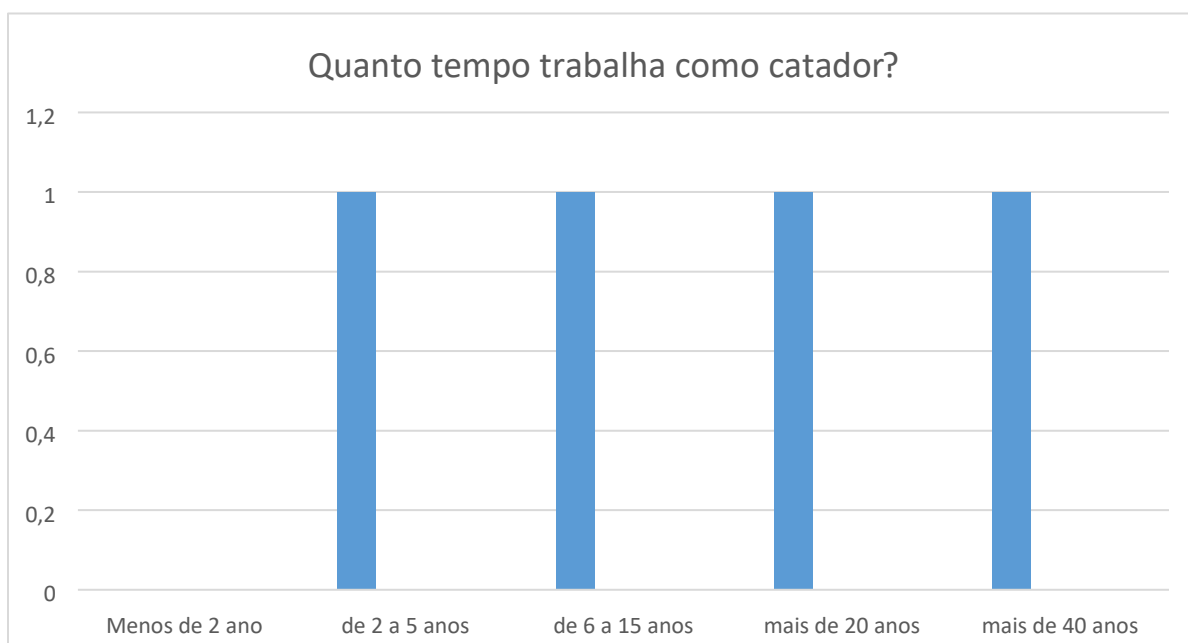
Resultado dessas novas formas de organização da produção a partir dos anos 1980 é a taxa de desemprego que nas últimas décadas o índice de desemprego que atinge o Brasil tem aumentado. Desde 2016, o Brasil registrou a taxa de desemprego acima dos 10%, segundo o IBGE.

Em relação ao tempo em que os catadores estão na atividade de coleta de recicláveis, o que tem menos tempo na catação está há menos de dois anos, é a entrevista número 02. Antes de iniciar na catação, a entrevistada já teve trabalho formal, como no frigorífico, por exemplo e que devido as condições de saúde e a questão do desemprego, não conseguiu retornar ao mercado de trabalho formal. O catador que está a mais tempo, a mais de 40 anos, sempre esteve no trabalho informal, conforme o relato:

Eu fui um dos primeiros daqui da Nova Andradina a catar material. Tem mais pessoa que cata, que tem família, tem casa, paga aluguel, tem filho, tem de tudo. Tem uns que mora pra cima de casa lá e tem uns três que mora no outro lado da cidade. A maioria mora ali perto do cemitério. Mora na frente e vem pra cá, está aqui com o carrinho e leva até lá, desce coitadinho com as perninhas bambas, uma hora empurrando o carrinho (ENTREVISTADO NÚMERO 04).

O gráfico abaixo (03) mostra o resultado do tempo de trabalho com a catação dos entrevistados:

**Gráfico 03** - Período de tempo como catador autônomo em Nova Andradina



**Fonte:** elaborado pelo autor com base nas informações das entrevistas.

Apesar do tempo de trabalho na catação serem equilibrados entre esses catadores, são várias as situações que contribuem para colocar os trabalhadores na informalidade, deste a questão da escolaridade, problemas de saúde, desemprego. Isso, levam os catadores a procurarem como meio de sobrevivência o lixo, catando e vendendo os resíduos recicláveis, continuando a movimentar o sistema capitalista de produção e consumo e a indústria da reciclagem. Para Smith (1998) o sistema capitalista priva a classe trabalhadora dos bens produzidos recursos para a produção, fazendo o trabalhador trocar a sua força de trabalho por um salário:

O capitalismo priva a classe trabalhadora, não somente dos bens que é produzido por estes, “mas de todos os objetos e instrumentos necessários para a produção”, desta forma, o trabalhador troca a sua força de trabalho, por um salário, estabelecendo uma relação “salário trabalho”, e a expressão “valor de troca” como sendo a “medida do tempo de trabalho socialmente necessário para a reprodução do seu trabalho” (SMITH, 1988, p. 86).

Nessas condições de trabalho e de vida extremamente precárias, os catadores têm, ainda, maiores dificuldades por não terem o sustento garantido: é a questão emocional/social que fragiliza esse sujeito. A explicação dada pelos catadores nas perguntas: Como é sua jornada de trabalho? Tem outra renda além da catação? Qual o motivo de trabalhar com recicláveis?, faz-nos entender alguns dos motivos para a

fragilidade social em que vivem. De modo geral, os entrevistados responderam que trabalham quando podem e não estão doente. Quando estão bem alguns trabalham o dia todo, outros, meio período. Um dos depoimentos é o do entrevistado número 04 que corrobora:

Tem uns que mora pra cima de casa lá e tem uns três que mora no outro lado da cidade. A maioria mora ali perto do cemitério. Mora na frente e vem pra cá, está aqui com o carrinho e leva até lá, desce coitadinho com as perninhas bambas, uma hora empurrando o carrinho. Tem uns aí que tá com oitenta, setenta anos. Eu vou aqui e ali, cato o materialzinho, dá pra mim viver. O meu ganho não tem a base, conforme você tira cem, conforme você tira sessenta, tem vez que nem chega tirar cem conto e tem vez que bem menos. Se a gente for por dentro da caneta não trabalha né. Venho todo dia, quando não venho cedo eu venho à tarde, só se estiver doente (ENTREVISTADO NÚMERO 04). (grifos nossos).

Essa situação retrata pelo catador no depoimento acima, deixa evidente o processo de exclusão desses catadores, pois chega a ser desumana, como salienta Martins “a sociedade que exclui é a mesma que inclui e integra, que cria formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condições de privilégios e não de direitos” (MARTINS, 2002, p. 11). A catação e o transporte dos resíduos, que geralmente é em carretinha, exige força e condição física e esses idosos não conseguem outra forma de sobreviver se não for pelo/no lixo. A resposta, para os catadores, é justificável e necessária para a sobrevivência. Eles reconhecem que só ganham quando vão recolher os materiais e que na medida em que trabalham é o que ganham. A explicação de que a inaptidão pessoal para participar em melhores condições, justifica a precariedade em que trabalha, mostra o quão fragilizado estão esses sujeitos, que acabam aceitando a situação em que vivem, pois acreditam que não têm voz na sociedade. Esse reconhecimento por parte dos catadores de que estão doentes e que não conseguem produzir conforme o mercado exige é uma justificativa, também, para não se associarem a Nova Limpa.

O depoimento abaixo do entrevistado número 04 corrobora que a inaptidão é mais um fator de dificuldade que os catadores precisam combater para que consigam garantir e ganhar o seu sustento, pois não estão em condições de saúde para fazerem mais serviços braçais:

Eu conheço os meninos que trabalha na associação, e já me chamaram para trabalhar com eles, mas eu não posso firmar nenhum compromisso com eles,

por causa do braço, se eu for fazer isso daí talvez amanhã ou depois eu possa parar. Eu já liguei pra ele para comprar uns material que eu catei, ele falou que ia buscar qualquer dia. Eu falei, não, quero que vocês vejam né e depois combina preço, pra não dá o que falar. Porque qualquer lugar que eu entregar, vou entregar o papelão assim como pego, porque tem gente que coloca água pra poder pesar mais, e o meu só vai só aquele que eu mandar, se chove não tem como fazer nada né. (ENTREVISTADO NÚMERO 04).

Outra situação já apontada, é a questão que sendo autônomo, os catadores ganham mais do que os que estão na associação: “o que nós ganha aqui nós não vamos ganhar lá, entendeu. Aqui tem um rendimento melhor aqui.” (ENTREVISTADA NÚMERO 01), pois não precisam dividir os “lucros”. E isso, acaba sendo a justificativa para não se associarem à Nova Limpa. O que garante o pagamento da moradia, água e luz para alguns, como o caso da entrevistada 01, é o auxílio que os filhos recebem, já que é fixo, pois não podem contar com serviço de catação, já que quando ficam doentes, não trabalham:

Nós só vive da reciclagem e eu recebo o auxílio Brasil lá que agora é Bolsa Família. Eu recebo pelas quatro crianças, esses dois aí, aquele um que estava aqui e o outro está lá dentro. Um de dezesseis, um dezessete e eles dois pequenos. Os pequenos, esse dali sentado tem cinco anos e o de lá tem oito vai fazer nove. Com a reciclagem e com o benefício sustentamos a família, que daí o benefício ajuda a pagar aluguel, água, energia e compra comida. Por mês tiramos a média de um salário mínimo, um pouco mais, um pouco menos. É porque a gente no caso trabalha, não conta o que recebe, quando vê já sumiu, assim como tem os filhos, daí cê precisa comprar remédio, tá doente o tempo todo tá gastando. É, todo dia gastando, aí tem o nosso carro, a carretinha também, e estraga alguma coisa, tem que estar arrumando também. Tem que colocar gasolina, que já é um gasto fora parte da casa (ENTREVISTADA NÚMERO 01).

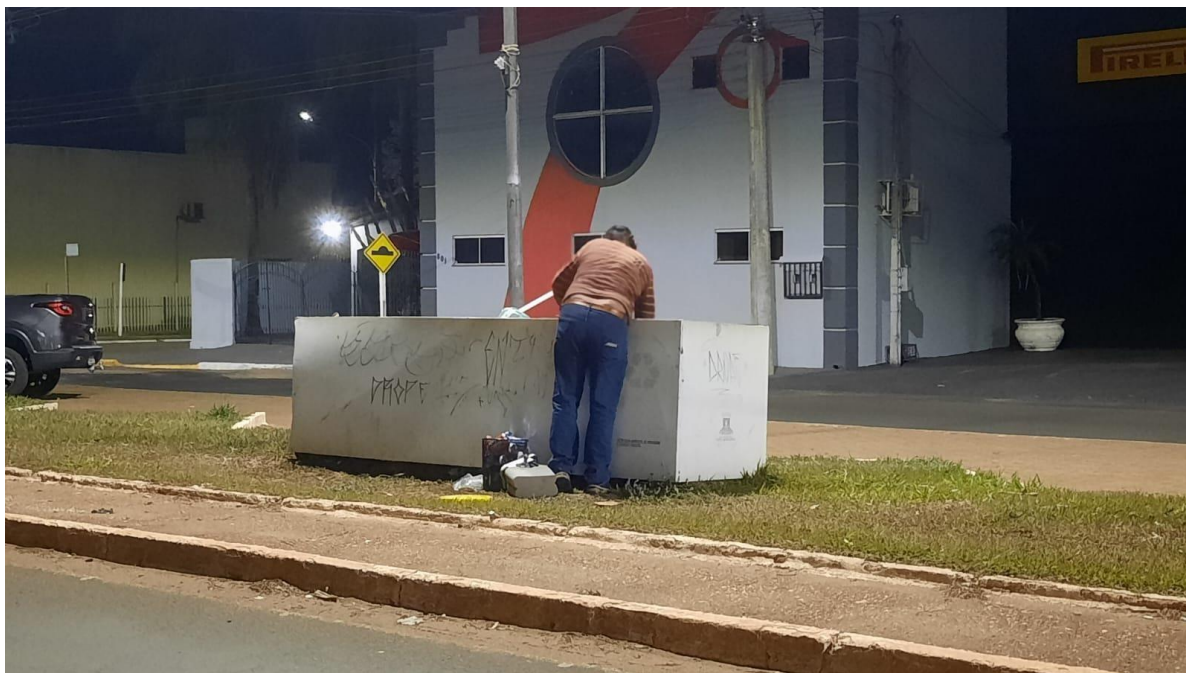
Do ponto de vista da discriminação e preconceito as respostas obtidas, em nossa pesquisa de campo, mostram que a maioria dos catadores autônomos evitam falar sobre esse assunto, assim como os associados também evitaram. Essas perguntas foram algumas das quais os catadores responderam que não sofrem discriminação, com exceção dos entrevistados de número 02 e 18. Essa negação, para Martins (2002) é comum para aqueles que estão à margem, pois geralmente negam sua exclusão.

A entrevistada número 02 narra que ninguém “incomoda” na casa dela, mas que o filho já foi alvo de preconceito e discriminação:

Com os material da reciclagem aqui em casa nunca ninguém veio incomodar. Só uma vizinha, que me denunciou um dia por causa do fogo que eu coloquei no lixo ai na frente, mas o resto, todos me ajudam, chega com caixa e vem trazer pra mim. E eu vou lá pegar. A empresa vem pegar depois que gente ensaca tudo põe tudo. Quando vou catar na rua eu levo um saco aí põe no carro e na carretinha, e vou nos pontos aonde a gente pega fixo. Aí eles vai juntando lá dentro e faz aquele monte. Agora quando vou na rua meu carro é tudo os banco arrancado já por causa do material, para poder ter espaço. (...) Tem umas pessoas que atrapalha e aproveita da gente. Na Páscoa do ano passado, tava eu e o Bruno meu filho catando, aí eu coloquei o bag entre Americana e a Cacau Show, aí eles vinha, então eles já apanhava deles da Americana, apanhava no bag da Cacau Show e aí eu ia só baldeando para os bags. Aí ele, esse povo aproveitador, chamou a polícia, disse que o meu menino tava lá querendo roubar biscreta, aí o camburão chegou e... enquadrou o menino, aí foi aquela maior vergonha, aí o bichinho ficou com vergonha, né? Aí depois eu cheguei, ele chegou aqui em casa com o zóio vermelho, de vir chorando, aí eu liguei lá também e desabafei, falei um monte pra eles, falei: vocês não podem fazer isso, e vocês nem sabem que ele é de menor, ele não tem 18 anos ainda pra vocês enquadrar o menino, fazer ponha a mão na árvore e fazer o que vocês fizeram, isso é muito fora de ética, não pode fazer uma coisa dessas, que vocês sabem e eu procurar meus direitos, e aí falei, eu falei, vocês não procuram saber. Porque vocês não foram na Americana, e lá na Cacau Show? Vocês iam saber que ele estava lá. Nós, eu, estava baldeando e ele estava ensacando, aí eu falei, não tem nada a ver com isso (ENTREVISTADA NÚMERO 02).

O entrevistado de número 18 narra que sofre com o preconceito e a discriminação das pessoas “Eu faço meu trabalho a noite por isso, porque eu sofro muito com isso. Já me falaram “Oh vagabundo vai trabalhar” (ENTREVISTADO NÚMERO 17). Além disso, o catador acrescenta “estou correndo risco de ir pra cadeia porque não consegui pagar a pensão, por isso eu tenho que vim aqui”. A imagem 20 mostra o catador trabalhando a noite.

**Imagem 20** - Catador trabalhando nas ruas da cidade à noite



**Foto:** autor, pesquisa de campo, 2023.

A falta de assistência médica e condições financeiras para tratamento de saúde é outra situação narrada pelos catadores e que demonstra a dificuldade enfrentada diariamente, o que acaba sendo uma preocupação para os catadores e os fragilizam, pois não podem ficar doentes senão não trabalham. A informalidade isenta o catador das garantias trabalhistas básicas, como o direito ao afastamento para tratamento de saúde, sem ter a renda da família comprometida, conforme entrevistada número 02 relata quando o marido ficou doente e precisou utilizar o sistema de saúde do SUS:

Meu marido trabalha naquele secador ali. Ele deu um problema no olho e ficou sério. O caminhão está aí parado já tem não sei quanto tempo. Agora ele cego de um olho, e já está perdendo outro. Eu falava, tem que ir no médico, mais as condições, né? A gente não tem médico hospital aqui pelo SUS. Aí deixou aí, quando meu pai veio pra cá, meu pai falou, não, vou pagar a consulta pra ele. Aí pagou, aí o doutor Renato falou, ih, você perdeu a visão. Se tivesse ido quando tava vendo aquela nata, ainda tinha conserto. Aí o médico falou que não tem como reverter, não tem, é irreversível. Aí ele vai fazer uma perícia dia 31. Mas aí ele fala que pode passar pro outro olho também, disse que pode afetar, esfraquecer o outro olho, pode até perder também. E ele tá nervoso, mas eu vou ter que sofrer. Mas não tem como ficar revoltado, é o fim de todo mundo. Ele está no desespero. Tanto que a gente comprava no Martins. Aí ele pegou o boleto dia sete de dezembro e foi pagar. Ele recebeu dia seis, dia sete pra pagar o boleto novecentos e trinta e seis real. Pagou esse boleto, chegou, mostrou pra mim eu falei, guarda lá, velho. Ele guardou, não sabe nem pra onde. Aí um dia fui na farmácia, deu nome restrito. Eu falei então tira o boleto pra mim, aí liguei lá pra saber, eles falou não, vocês não pagou a fatura, e vai ter que pagar de novo porque como que eu vou fazer. Pagamos de dinovo por causa desse problema da vista dele que ele está piorando (ENTREVISTADA NÚMERO 02).

Em vista disso, consoante Thomaz Júnior (2020) alguns casos os trabalhadores excluídos perambulam de lugar a lugar em busca de emprego:

(...) de um lado, os duros ataques à legislação trabalhista que ameaçam seriamente os direitos adquiridos e que cimentam a pétrea estrutura social que impede a efetivação do ser social em sua amplitude/plenitude ontológica (o estranhamento), e que também influenciam, por outro lado, na ampliação da franja dos excluídos que engordam as fileiras dos ocupantes de terra, dos desempregados estruturais e da horda de trabalhadores e famílias inteiras que perambulam de lugar a lugar em busca de emprego, colocação, os errantes do fim do século da sociedade flexível e desregulamentada (THOMAZ JÚNIOR, 2020, p. 7).

A falta de recurso também é um agravante para o catador autônomo, pois se falta algum equipamento, compromete a renda familiar. O entrevistado número 03 relatou da dificuldade que encontra ao desenvolver as atividades como autônomo:

Agora está muito fraco porque eu estou sem as prensa né. Estou dependendo desse negócio da prensa. Estou aqui nessa área, que foi uma doação da prefeitura, desde dois mil e treze. Agora no ano que vem faz dez anos. É. No meu caso aqui a prefeitura fez uma doação. A doação foi pra me tirar de lá. E eu convivia com a mulher, aí eu pus a firma no nome dela. Ela faleceu tem poucos dias. Aí ela tinha um filho que morava na Austrália. Trabalhava em frigorífico lá na Austrália. E aí ele achou que eu pus a firma no nome dela, que ele era dono. Pus a firma, mas eu não pus a terra porque a terra está saindo o documento lá e quem cuida dessa documentação é o advogado doutor Manoel né. Então ele achava que isso aqui era dele. Então eu entrei com alteração de empresa. Então está correndo lá na prefeitura essa alteração de empresa. Então a firma velha que é o nome depósito de reciclagem Santa Amália vai morrer, eu vou por Santa Rosa. É depósito de reciclagem. Esse aqui o advogado que trabalha pra mim já falou pra deixar no jeito pra sair que a alteração de empresa está lá, inclusive faz poucos dias que o juiz mandou aí aquela oficial de justiça japonesinha tirar as foto, ver como é que funciona aqui, como é que está, se está trabalhando (ENTREVISTADO NÚMERO 03).

Embora as dificuldades que foram elencadas nessa parte do trabalho são dificuldades diferentes à dos catadores associados, elas servem para demonstrar como é a vida desses trabalhadores autônomos que precisam, além de enfrentar o lixo, o cansaço e preconceito, enfrentar as demandas que vão surgindo. Os depoimentos e relatos aqui reproduzidos confirmam aquilo que se sabe a respeito das condições a que estão submetidos esses trabalhadores: os catadores, tanto os autônomos como os associados, vivem o processo de exclusão social para serem incluídos em um sistema de dependência social, emocional e principalmente política,

e isso fragiliza totalmente esses sujeitos rompendo com os laços sociais, calando e silenciando essa classe social.

Conforme Rodrigues (1998), fica claro que as classes sociais que se apropriam do trabalho são as classes dominantes:

Cabe lembrar que, ao longo do trabalho, não tratamos de uma sociedade abstrata mas sim da sociedade capitalista dividida em classes sociais. Classes sociais que se apropriam diferentemente do trabalho e da própria natureza. Assim, deve ficar evidente que os modos dominantes de apropriação da natureza são os modos das classes dominantes, que hoje dominam não apenas os meios de produção mas, também, o conhecimento científico e tecnológico (RODRIGUES, 1998, p. 188).

E mais adiante a autora acrescenta que os resultados dessa apropriação da natureza somente pela classe dominante são amargos:

Os resultados são amargos: a industrialização e o acesso aos produtos industrializados é um luxo exclusivo de pequena parcela da população mundial. Porém, os efeitos da produção destrutiva, atinge à todos os habitantes do planeta, principalmente os extratos mais pobres, demonstrando outra face da mesma moeda. São excluídos das 'benesses', mas incluídos nos problemas e considerados grandes poluidores. Assim, a produção apresenta-se eivada de contradições que não são novas, mas ganham nova visibilidade, relacionadas à compressão do tempo-espço deste fim de milênio (RODRIGUES, 1998, p. 188).

A alternativa para que se mudem os resultados, em concordância com o MNCR (2009, P.21) “é o incentivo à organização autônoma dos catadores, por meio de cooperativas e associações que procuram especializar estes trabalhadores”. Além disso, as organizações, sejam associações ou cooperativas, precisam de infraestrutura para tornar o trabalho seguro e sólido “assim como para aumentar a capacidade de processamento de resíduos, agregando novos catadores e formalizando novos postos de trabalho no país.” (Idem, p.21). Os maquinários, por exemplo, utilizados na triagem e na prensagem também podem potencializar o valor comercial da mercadoria se estiverem mais limpos e prensados, porque aumenta a qualidade e se torna mais fácil e rápido o transporte, ampliando a margem entre os custos de transporte e o valor pago pelas mercadorias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de urbanização de Nova Andradina e o desenvolvimento da cidade é desigual e contraditório. Com isso, a expansão do centro urbano, comandado pelo sistema capitalista de produção e a origem da cidade proporcionou riqueza de um lado e gerou a pobreza do outro e, conseqüentemente, o aumento dos problemas socioambientais.

A existência dos catadores de material sólido urbano é resultado do desenvolvimento desigual de Nova Andradina. Esses trabalhadores veem no “lixo” uma forma de sobrevivência e vivem processos de exclusão e inclusão social: são excluídos das oportunidades e incluídos na miséria. Esses processos os fragilizam: os catadores autônomos se sentem fragilizados devido as dificuldades que enfrentam no dia a dia, como vender a sua força de trabalho por uma baixa renda, não terem condições básicas de se alimentarem, a moradia precária, a falta de garantia trabalhista, remédios, tratamentos de saúde e a incerteza do seu sustento; os catadores associados vivem com uma renda menor ainda, que mal também lhes dão condições básicas de sobrevivência digna. Assim, o mercado de trabalho é seletivo e excludente, e é pautado na qualificação do trabalhador. De um lado tem o desenvolvimento; de outro, os catadores, como resultado desse desenvolvimento.

Os dados expostos nesse trabalho, mostraram o cenário de mudanças no espaço geográfico de Nova Andradina, o rápido crescimento somado à falta de planejamento de política públicas que influenciou na urbanização da cidade e seu desenvolvimento desigual. Em consequência disso, acarretou vários problemas urbanos como o descarte de lixo de forma irregular: o antigo lixão, e os trabalhadores que estavam desempregados e necessitavam de sobrevivência. O próprio surgimento dos catadores de materiais recicláveis é resultado desse desenvolvimento desigual.

Após a regulamentação das leis, foi feita a implantação do aterro sanitário e muitos catadores que estavam atuando no antigo lixão perderam parte de suas rendas, o que não deixa de ser contraditório: a condição de uma renda melhor, para esses catadores, está associada a um trabalho ainda mais precário, em meio aos dejetos e perigos apresentados.

As considerações elencadas no trabalho acentuam que embora houvesse uma melhoria nas condições do local trabalho, para aqueles que decidiram se associar,

que não é mais no lixão, correndo vários riscos, a associação enfrenta alguns problemas e que afeta diretamente o catador, a sua sobrevivência. Como a questão do pagamento que é menos do que um salário mínimo, o tempo que ficam ociosos, devido à falta de material para reciclar, já que a quantidade de caminhão que a prefeitura disponibiliza não é suficiente para recolher toda a demanda de material, gerando assim, também ruas mais sujas e acúmulo de papelão nas vias.

Com a regulamentação da Lei Federal nº 12.305 os catadores se associaram às cooperativas e associações, no entanto continuaram na informalidade. O que dificulta a sobrevivência, principalmente para aqueles que sempre estiveram na catação e não consegue ir para o mercado de trabalho formal, já que não tem formação e experiência para executar outras atividades ou condições de saúde.

Nesse sentido, ainda, os catadores que foram para a associação com a esperança de trabalhar e ter uma renda garantida, acabaram não entendendo o seu papel e enxergar sua participação. Devido à baixa escolaridade e a falta de experiência com gestão de empresa, a associação passa por vários problemas, desde a falta de organização dos materiais sólidos urbanos, como na proteção e uso de EPIs.

As questões de relacionamentos também contribuem para que o sentimento de não pertencimento àquele lugar: ou o trabalhador é recém chegado na profissão e precisa entender e pertencer àquela nova realidade e a sua nova situação, ou o antigo catador que agora se vê como um trabalhador “reconhecido” já que atualmente as leis e movimentos em prol da sustentabilidade tem sido constante no discurso do poder público – mas que na realidade ainda vive precariamente, “baluartes da barbárie hodierna” Thomaz Júnior (2020).

A catação é um trabalho realizado em condição extremamente precária, seja no lixão, na associação ou nas ruas, e é marcada pelas baixas rendas, que em alguns casos não conseguem receber o suficiente para se alimentar. Todavia, essa condição de degradação, garante os ganhos de outros agentes, como os empresários das empresas terceirizadas, cuja garantia do lucro está vinculada à força de trabalho desses catadores, e o poder público que ganha com a terceirização do transporte e a isenção de formalizar esses trabalhadores. A sobrevivência dos catadores está relacionada a fonte de lucro das empresas que compram, já que são esses agentes quem determina o baixo preço da mercadoria, exigindo, assim, que os catadores

trabalhem mais, para garantir uma grande quantidade de materiais em troca de centavos.

Considerando que a estruturação do sistema de gerenciamento, a destinação e o tratamento dos resíduos coletados de residências e as empresas situadas na área urbana fazem parte da Política Nacional de Resíduos Sólidos, como visto, a legislação federal obriga os municípios a instituírem o tratamento do lixo. No entanto, a contradição entre os dados de progresso econômico e qualidade de vida social desses trabalhadores, bem como o desenvolvimento desigual, mostram que é fundamental construir novas propostas e situações que dê conta da realidade: o tratamento e destinação do lixo de forma adequada que preserve o meio ambiente, sem explorar a força de trabalho: os catadores. Oferecer condições e estruturas para que os catadores possam trabalhar dignamente, com a garantia das leis trabalhistas em que possibilita o afastamento desse trabalhador para tratamento de saúde, quando necessário, a garantia de ter uma aposentadoria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAS, Melhem **Geografia: os impasses da globalização e o mundo desenvolvido.**

4. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

DA, T; ARAÚJO, S.; RODRIGUES DA SILVA, R. **O significado do trabalho para os garis: um estudo sobre a invisibilidade SOCIAL** 2018. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1219.pdf>>.

BRASIL. **Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Política nacional de resíduos sólidos– 1. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

CAMPANILI, Maura. **Almanaque Brasil Socioambiental.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2005.

COSTA, C. M.; PATO, C. **A constituição de catadores de material reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência.** In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. P. 99-122.

DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo.** São Paulo: Paz e terra, 1999.

GALVÃO, D. de Freitas. **A gestão democrática em cena: uma análise da Rede Municipal de Nova Andradina (MS).** 135 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019. Gouveia (2012)

GONÇALVES, J. L. (Coord.). **Experiências de Coleta Seletiva.** São Paulo: Pastoral de Rua, 2002. (Coleção Gestão Integrada de Resíduos sólidos Urbanos);

GONÇALVES, Marcelino Andrade. **Cooperativas e associações de catadores:** formação e organização do trabalho na raia Divisória SP– PR– MS. Revista Pegada Eletrônica, São Paulo, v. 10, n.11, 01-11, dez de 2009.

\_\_\_\_\_. **O trabalho no lixo.** Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

GOUVÉIA, N. **Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social**, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/y5kTpqkqyY9Dq8VhGs7NWwG/?format=pdf&lang=pt>

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Trad. de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação social dos catadores e catadoras de material reciclável e reutilizável**. Brasília: Ipea, 2013.

LEAL, A. C.; Júnior, A.T.; Alves, N.; Gonçalves, M.A. & Dibiezo, E.P. (2002). **A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem**. *Revista Terra Livre*, São Paulo, 18(19), 177-190, jul/dez.

LEAL, Giuliana Franco. **Exclusão social e ruptura dos laços sociais : análise crítica do debate contemporâneo** / Giuliana Franco Leal. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNI, A. A. C.; GÜNTHER, W. M. R. **Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua**. *Saúde e Sociedade*, v. 23, n. 1, 99-109, 2014. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/84855/87575>. Acesso em: set.de 2022.

MARTINS, José. de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MNCR. **A crise financeira e os catadores de materiais recicláveis**. *Economia solidária e políticas públicas*, [S. l.], p. 21-24, 2 nov. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/A%20crise%20financeira%20e%20os%20catadores%20de%20materiais%20recicl%C3%A1veis.pdf>. Acesso em: 16 maio 2023.

NETO, R. B. G. **A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço.** In Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 143-155, junho 2006.

O PROGRESSO, Jornal. **Um sonho de imortalidade. Brotas** – SP. Dezembro de 1973, s/n, p.02. (Ed. de Natal).

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ANDRADINA (Nova Andradina). 27/08/2018. **Ata da reunião**, Nova Andradina, 27 ago. 2018.

PREFEITURA DE NOVA ANDRADINA. 28 de Abril de 2021. **DECRETO Nº. 2.778**, [S. l.], 28 abr. 2021.

RODRIGUES, Arlete Moisés. **Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana.** São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTANA, Edimilson Batista. **A condição regional de Nova Andradina-MS: uma análise a partir da oferta do ensino superior** / Edmilson Batista Santana. -- 2019.

SANTOS, C. A. **A região em análise: A política e a igreja no processo de colonização de Nova Andradina-MS.** 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS) Três Lagoas – MS.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

THOMAZ JUNIOR, Antônio. **Por uma geografia do trabalho.** PEGADA, Revista Eletrônica: CEGeT, (Número especial) 2002.  
<http://www2.prudente.unesp.br/ceget/pegada/pegesp2.htm>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Central. **Ata da reunião realizada no dia 4 de julho de 1997.** Livro 50, p. 1.

VOGT, P. et al. **Compreendendo a invisibilidade social dos catadores de materiais recicláveis a partir da literatura.** 2013: s.n.]. Disponível em:  
<[https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo\\_22013\\_2020143430.pdf](https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo_22013_2020143430.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2023.

ZOTI, João Carlos. **O grupo escolar Moura Andrade: um estudo histórico acerca da institucionalização de ensino em Nova Andradina (1958-1974).** 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

## **ANEXOS**

### **Roteiro de entrevista com os catadores da associação**

#### **Entrevista**

- 1 - Você já trabalhou em outra área fora da coleta?
- 2 - Em quais áreas já trabalhou e por quanto tempo?
- 3 - Há quanto tempo faz parte da Associação?
- 4 - Qual sua função na Associação?
- 5 - Como é sua jornada de trabalho?
- 6 - Exerce outra atividade remunerada? Em que?
- 7 - Qual o motivo de trabalhar com recicláveis?
- 8 - Já coletou material quando existia o lixão, antes do aterro sanitário?
- 9 - Por que trabalha vinculado a Associação? Onde atuam?
- 10- O que acontece com o material coletado? É vendido por vocês?
- 11- Para quem e/ou para onde são vendidos os materiais coletados e processados pela associação?
- 12- Participa regularmente das reuniões e decisões com os demais membros da associação?
- 13 - Como a sociedade vê o trabalho realizado por vocês?
- 14 - Como avalia o trabalho realizado pela associação? E a divisão das tarefas?
- 15 - Está satisfeito com a remuneração recebida?
- 16 - Quais os problemas enfrentados na realização do trabalho?
- 17 - O que poderia ser melhorado?
- 18 - Você se reconhece como um importante elo da indústria da reciclagem?
- 19 - Por que trabalha como catador autônomo?
- 20 - Existem pontos fixos que os lojistas deixam os materiais separados para vocês coletarem?
- 21- Na sua percepção, como a sociedade enxerga o trabalho de vocês?
- 22 - Já foi discriminado ou ignorado durante a coleta de materiais?

## **Roteiro de entrevista com os catadores autônomos**

### **Entrevista**

- 1 - Você já trabalhou em outra área fora da coleta?
- 2 - Em quais áreas já trabalhou e por quanto tempo?
- 3 - Como é sua jornada de trabalho?
- 4 – Tem outra renda além da catação?
- 5 - Qual o motivo de trabalhar com recicláveis?
- 6 - Já coletou material quando existia o lixão, antes do aterro sanitário?
- 7 – Já pensou em ir trabalhar em alguma associação?
- 8- Para quem e/ou para onde são vendidos os materiais coletados?
- 9 - Como a sociedade vê o trabalho realizado por vocês?
- 10 - Como avalia o trabalho realizado pelas associações?
- 11 - Está satisfeito com a remuneração recebida?
- 12 - Quais os problemas enfrentados na realização do trabalho?
- 13 - O que poderia ser melhorado?
- 14– Por que trabalha como catador autônomo?